

E-BOOK

Organização Professor(as)

PANKARARU: FERNANDO MONTEIRO DOS SANTOS,
JACIELMA MONTEIRO, MARIA JOSÉ DOS SANTOS,
MARIA NAZARÉ DOS SANTOS, RITA DE CÁSSIA DOS SANTOS

Serras, Nascentes e Grutas:

Patrimônios naturais, culturais e identitário do povo indígena

PANKARARU



INSTITUTO FEDERAL
Sertão Pernambucano



Serras, Nascentes e Grutas: Patrimônios naturais, culturais e identitário do povo indígena Pankararu

E-BOOK

Organização professor(as) Pankararu
Fernando Monteiro dos Santos, Maria Jacielma Monteiro do
Nascimento, Maria José dos Santos, Maria Nazaré dos Santos,
Rita de Cássia dos Santos.

Serras, nascentes e grutas: patrimônios naturais, culturais e identitário do povo indígena Pankararu

Território Indígena Pankararu
Jatobá, Petrolândia e Tacaratu (PE)
2023

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SERTÃO
PERNAMBUCANO**

REITORIA

Maria Leopoldina Veras Camelo

PRÓ-REITORIA DE ENSINO

Maria do Socorro Tavares Cavalcante

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

Francisco Kelsen de Oliveira

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA

Vitor Prates Lorenzo

PRÓ-REITORIA DE ORÇAMENTO E ADMINISTRAÇÃO

Jean Carlos Coelho de Alencar

PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Alexandre Roberto de Souza Correa

COORDENAÇÃO GERAL DA EDITORA IFSERTAOPE

Jane Oliveira Perez

Editoração e Arte da Capa

Daniel Júnior Freire

Revisão textual:

Maria Leopoldina Veras Camelo e Edivânia Granja da Silva

Conselho Editorial:

Francisco Kelsen de Oliveira – Propip IFSertãoPE
Jane Oliveira Perez – Cedif IFSertãoPE
Marcio Rennan Santos Tavares – Proext - IFSertãoPE
Ana Christina da Silva Bezerra – SIBI - IFSertãoPE
André Ricardo Dias Santos - IFSertãoPE
Andrea Nunes Moreira de Carvalho - IFSertãoPE
Domingos Diletieri Carvalho - IFSertãoPE
José Ribamar Lopes Batista Júnior - UFPI
Manuel Rangel Borges Neto - IFSertãoPE
Paulo Gustavo Serafim de Carvalho - UNIVASF
Rafael Santos de Aquino - IFSertãoPE
Leilyane Conceição de Souza Coelho – UPE

©2023 TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Os capítulos e informações contidas no livro são de inteira responsabilidade de seus autores.

Direito autoral do texto ©2023 Os autores. Direito autoral da edição © 2023 Editora IFSertãoPE.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S487

Serras, nascentes e grutas: patrimônios naturais, culturais e identitário do povo indígena Pankararu / Fernando Monteiro dos Santos, Maria Jacielma Monteiro do Nascimento, Maria José dos Santos, Maria Nazaré dos Santos, Rita de Cássia dos Santos (Org.). - Petrolina: IFSertãoPE, 2023.

207 KB; PDF

Vários autores

ISBN: 978-65-89380-12-2

1. História. 2. Experiências educativas. 3. Escolas indígenas.

I. Título

CDD 306

EQUIPE PEDAGÓGICA SABERES INDÍGENA NAS ESCOLAS PANKARARU

Coordenação Adjunta: Edivania Granja da Silva Oliveira

Supervisor: João Luiz da Silva

Coordenadora da Ação: Ina do Carmo Almeida

Professor formador: Flávio Lyra de Andrade

Professora formadora: Maria do Socorro Tavares Cavalcante Vieira

Professor pesquisador: José da Cruz dos Santos

Professor(as) orientador(as): Fernando Monteiro dos Santos, Maria Jacielma Monteiro do Nascimento, Maria José da Silva Santos, Maria Nazaré dos Santos e Rita de Cássia dos Santos.

Professoras(or) cursistas: Alex Sando Pedro Ferraz, Aline Gomes Silva, Ana Cristina da Silva, Andrea Zilma Barros, Ângela Barros de Carvalho, Claudileide Maria do Nascimento, Cleide Maria de Souza, Crisleide Cristina de Oliveira, Edcarla Monteiro da Silva, Ednalda Monteiro da Silva Araujo, Fabiana Maria da Silva, Francivaldo Torres, Fernanda Maria da Silva, Fernanda Ferreira Pinheiro, Geilda Júlia da Cruz Carvalho, Glória de Fátima Costa, Ythala Marillia dos Santos, Jacioni Rosalina Barros Silva, Jackceli Mayara dos Anjos, Janina Bezerra da Silva, Janeana Maria da Silva, Janiclea Maria dos Santos Silva, Jucilene Gomes de Andrade, Katiane Monteiro da Silva, Laudice Cardoso da Silva, Lousiena Maria dos Santos, Margarida Maria dos Santos, Maria Daniela Silva Santos, Marcia Andrea de Barros Santos, Maria Aparecida de Brito Santos, Maria das Dores da Conceição Pereira do Prado, Maria de Lourdes dos Santos, Maria José dos Santos, Maria Jéssica Pereira, Maria Juliana dos Santos, Maria Marli da Silva, Maria Marly da Silva Souza, Maria Regina dos Santos, Maria Solange da Silva, Maria do Socorro Santos, Maricleide da Conceição Souza, Marleide Marlene dos Santos, Marli Marlene dos Santos, Margarida Maria dos Santos, Mércia Alves dos Santos, Michelle Mislene da Cruz Santos Silva, Ozeni Maria dos Santos, Reginaldo José dos Santos, Roberta Francisca da Silva Arnaldo, Rosiane Maria Xavier e Vagna Barros Silva

Colaboradores voluntários do Programa Ação Saberes Indígena na Escola:

Professora Maria Leopoldina Veras Camelo

Professor Vitor Prates Lorenzo

Programador Visual: Daniel Júnior Freire

APRESENTAÇÃO

AS SERRAS, GRUTAS E NASCENTES

Fernando Monteiro dos Santos, Maria Jacielma Monteiro do Nascimento, Maria José dos Santos, Maria Nazaré dos Santos, Rita de Cássia dos Santos¹

Nós, Povo Pankararu, precisamos sempre salvaguardar nossas serras, grutas e nascentes, não desmatar em suas proximidades, ainda que seja para fazer um roçado. Porque as nossas riquezas naturais e nossos saberes tradicionais estão guardados dentro da mãe natureza. Cada serra, cada gruta e cada fonte, nascente da nossa nação tem a ciência!

Na serra da Fonte Grande temos a santa nascerça, é ela que dá origem às outras nascentes. E por trás da serra da Fonte Grande temos a nascente da aldeia Tapera e da aldeia Brejinho. Bem do lado direito da Fonte Grande está a nascente da Bica de Camila e das Cutias. E do seu lado esquerdo temos a nascente da cachoeira e do Saco do Romão. Sabemos que já perdemos muitas riquezas naturais, mas muitas atitudes ainda podemos realizar para salvaguardar nosso território.

Cada serra tem seu dono Encantado, lá é rodeado e coberto de muitas belezas. Uma diversidade de árvores, pássaros, animais e ervas. Só vai lá, até lá quem tem uma certa missão a cumprir. Quando vimos algum pássaro nos atraindo com sua beleza e seu canto ou outro tipo de animal, andando pra lá e pra cá, devemos deixá-lo lá no lugar deles. E ninguém seja atrevido a desafiá-lo.

Nós, os povos indígenas, não devemos nunca desconhecemos os nossos jeitos tradicionais de nos relacionarmos com a mãe Pinadaé, salvaguardando para os parentes e futuras gerações.

Equipe Pedagógica Pankararu

¹ Lideranças e professor e professoras indígenas do povo Pankararu. Atuam no Programa Ação Saberes Indígena como orientador e orientadoras das professoras-cursistas e professores-cursistas.

SUMÁRIO

Memória, Cultura e Espaços Sagrados Pankararu.....	06
Saberes Indígena nas Escolas Indígenas Pankararu.....	07

PARTE 01 - AS SERRAS, HISTÓRIAS E SIGNIFICADOS

As serras, histórias e significados.....	12
Serra da tapera.....	14
A Gruta Buraco do Útero.....	17
Os Lajeiros do Lucas.....	18
Serra dos Caldeirões.....	20
A Loca do Morcego/Serra do Morcego.....	22
Serra Grande.....	23
Serra do Pebão.....	24
Serrote das Moças.....	25
Serra do Rei dos Peixes.....	26
Serrote Tarraxá.....	27
A Serra da Pedra Branca.....	28
Serra de Mané Zoião.....	29
Nascente de Maria das Dores.....	31
Serras Pankararu.....	32
Serra do Cruzeiro.....	34
As Cruzes.....	35
Fonte do Posto.....	36
A Nascente de Agenor (Cacimba).....	38
Serras, Grutas e Nascentes da Aldeia Macaco.....	39
Significado dos cantos dos animais.....	45
A tradicionalidade Pankararu: medicina e curas.....	46
Canta e pisa com fé Pankararu.....	48
Toantes.....	49
Menino do Rancho.....	62
As três rodas.....	67
As corridas do imbu.....	68

PARTE 02 - SERRAS SAGRADAS PANKARARU: EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS E CULTURAIS NAS ESCOLAS PANKARARU

Sequências didáticas.....	73
História Ilustrada: Mitologia Pankararu.....	102
Sugestões de atividades.....	126

O programa ação saberes indígenas na escola, vem sendo desenvolvido no IFSERTÃOPE desde 2018 quando integrou a Rede Nordeste de saberes indígenas com o apoio do Ministério da Educação (MEC), em parceria com o Instituto Federal da Bahia (IFBA), o Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) e a Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

A cada edição, um produto é gerado como forma resgatar e preservar a memória do povo Pankararu, para as suas gerações principalmente. A edição 2022 teve como objetivo a publicação de um livro com os resultados das ações e atividades realizadas com e pelos participantes tornando-os protagonistas do projeto conhecendo ainda mais suas terras, histórias, cultura considerando o território que habitam. Contribui também para o fortalecimento das discussões, políticas envolvendo os povos originários da região Nordeste, bem como para o fortalecimento do programa.

Os ambientes de estudos foram aqueles que têm grande representatividade para o povo Pankararu como grutas, serras, nascentes, as histórias das origens de seus nomes, a importância desses ambientes para esse povo, dentre outros, buscando que esses relatos fossem feitos pelos mais velhos e por aqueles que já receberam essas informações de seus antepassados, assim, motivando as crianças e os jovens a adentrar e se aprofundar nessas realidades, percebendo a importância dessas memórias para a preservação de sua cultura, do respeito ao meio ambiente e que só reafirmam que podem coexistir harmonicamente.

Assim, os autores buscam registrá-las nessa obra na forma textos, desenhos, toantes, imagens que ficará disponível em todas as escolas indígenas, sendo utilizado como material didático para que siga viva na realidade e memórias do povo Pankararu.

O resultado vocês apreciarão ao viajarem nessa leitura.

¹ Doutora em Química Orgânica UFCE. Atualmente é Reitora do IFSertãoPE.

Saberes indígena nas escolas Pankararu

Edivania Granja da Silva Oliveira²

A cara do índio tem numa pedra
No pé da serra na ladeira da Serrinha
Quem não viu tem que ver
O que a natureza pode fazer
Nas terras indígenas de Pankararu
Tomar banho de bica lá no Jitó
Dançar um toré pendurar um aio
Botar uma corrente de licuri
Fazer pade de feijão de corda
Assistir a tubiba e o menino no rancho
A garapa de cana na festa do imbu
Admirar os praias com a roupa de croá
Fumar um campião com folha de arara
Oi dá tontura em quem nunca fumou
Tem Cacique Zé Auto com o tronco que herdou
Tem cultura e riqueza aqui sim sinhô
Somos filhos da terra somos Pankararu
Somos índios de guerra sopra o rabo do tatu
Tem o ritual que é do Cansanção
Tem Francisco Fernando com o maracá na mão
E fechando a festa tem o mestre guia
Em Joaquim Serafim na aldeia Serrinha
Cartão Postal Pankararu - Gean Ramos³

O povo indígena Pankararu habitam a região sertão, área habitada pela maior parte dos povos indígenas em Pernambuco: Atikum, Entre Serras Pankararu, Pankararu, Kambiwá, Kapinawá, Pipipã, Pankararu, Pankawiká, Pankará da Serra do Arapuá, Pankará no Serrote dos Campos, Truká e Tuxá. No Agreste pernambucano, habitam três dos povos indígenas: Fulni-ô, Xukuru do Ororubá e Xukuru de Cimbres (OLIVEIRA, 2014). Além de novos grupos em processo de afirmação da identidade indígena habitantes no Sertão de Itacuruba: Tuxi em Belém de São Francisco e na Nova Itacuruba (PE): Tuxá Campos e Tuxá-Pajeú (OLIVEIRA, 2022).

2 Doutora em História Social PPG em História Social – FFLCH/USP. Professora de História do IFSertãoPE Campus Petrolina. Coordenadora do Programa Ação Saberes Indígena na Escola MEC/IFSertãoPE.

3 O compositor indígena Pankararu, Gean Ramos lançou a composição “Cartão Postal Pankararu” abertura do DVD Trajetória, em 2013. Disponível em: <https://www.assisramalho.com.br/2013/03/gean-ramos-divulga-cartao-postal.html>. Acesso em 08/12/2022

O atual Território Indígena Pankararu faz parte de antiga área do Aldeamento Brejo dos Padres, que reuniu várias etnias. A afirmação da identidade étnica dos Pankararu, com o reconhecimento pelo órgão indigenista (SPI) ocorreu em 1941. Mas somente na década de 1980 foi finalizado em parte o processo de demarcação do Território deste povo indígena. Atualmente as áreas reivindicadas são marcadas por intenso processo de violência por parte de posseiros que não aceitam a remoção do território indígena. O fortalecimento do povo indígena ocorre por meio do ritual do Toré, conectando o mundo físico ao mundo onde habitam os Encantados. Sendo considerados sagrados locais do ambiente natural, como as cachoeiras, os serrotes, os terreiros etc. (ARRUTI, 2001).

A área territorial Pankararu abrange os municípios de Tacaratu, Jatobá e Petrolândia, região próxima ao rio São Francisco, em Pernambuco. A identidade é compósita pela denominação “*Pancarú Canabrava Geritacó Cacalancó Umã Tatuxi de Fulô*”, reunião de principais troncos velhos indígenas. A metáfora “troncos velhos” acionada as memórias de ancestrais de diferentes povos indígenas reunidos em um mesmo aldeamento, como também a denominação “enxames” para os novos grupos migrantes que participam de novos processos de territorialização. Além da denominação “Canabrava” em alusão a planta Cana brava considerada planta sagrada pelos Pankararu, faz parte das práticas socioculturais e da ritualística religiosa. Portanto, relacionam identidade ao Ambiente natural através da fauna e flora (ARRUTI, 2001, p. 229; OLIVEIRA, 2022).

Ressaltamos a visita no período de 1951/52 do antropólogo norte-americano, William Dalton Hohenthal Jr, pesquisador da Universidade Berkeley, Califórnia, produzindo um importante relatório⁴ sobre os povos indígenas da região do São Francisco, habitantes em Pernambuco, Bahia e Alagoas. Especificamente, em março de 1951 visitou o Posto Indígena/SPI no povo indígena Pankararu, evidenciou a excelente localização do Posto por permitir com facilidade o escoamento dos produtos e proximidade de potenciais mercados. Destacou o clima ameno, solo bom, água disponível, disposição dos indígenas para atividades agropecuárias e para o trabalho. Também destacou a fartura de alimentos (OLIVEIRA, 2022).

4 Inspeções Regionais. IR4 Nordeste. Microfilme no. 379, Foto 814-817. RELATÓRIO, Califórnia 14/07/1952.

O Ambiente natural é entrelaçado a afirmação da identidade indígena Pankararu, como as áreas serranas são compósitas das práticas socioambientais. Evidenciada pelo indígena Gean Ramos na composição “Cartão Postal Pankararu”, em destaque no início deste texto. Afirmado por professoras e os professores indígenas Pankararu, que elegeram as serras como a temática fundamental nas práticas educativas realizadas na edição 2020/2021, do referido Programa.

O Programa Ação Saberes Indígena na Escola é promovido pelo MEC e objetiva a formação continuada de professores(as) indígenas e a produção de materiais didáticos, na promoção de melhoria na educação escolar indígena. Para tanto, o programa funciona em rede e conta com apoio e participação de Instituições de Ensino Superior (IES). O IFSertãoPE iniciou a participação em 2018, compondo a rede Nordeste: UNEB, IFBA e IFRN.

Ressaltamos que a conquista por uma educação escolar indígena, específica e diferenciada, resultado de um intenso processo de mobilização de povos indígenas no Brasil, nas décadas de 1970 e 1980, com garantia na Constituição Federal de 1988, em vigor. Os indígenas do Estado de Pernambuco participaram de forma ativa no processo de mobilização nacional e no Estado, culminando em outro movimento, a estadualização das escolas indígenas em 2002. E a criação de uma organização indígenas, a Comissão de Professores Indígenas de Pernambuco – COPIPE, composta por lideranças indígenas de todos os povos indígenas de Pernambuco.

A garantia de uma educação escolar indígena, intercultural, específica e diferenciada, foram e são demandas por ações educacionais com conquista de legislações, projetos, programas e financiamentos governamentais. Ressaltamos o Programa Ação Saberes Indígena na Escola foi criado em 2013, com o objetivo de proporcionar formações continuadas de professores(as) indígenas, com a realização de oficinas para aplicação em salas de aulas, registros e criação de atividades didáticas, resultando na produção de materiais didáticos, subsídios para a educação escolar indígena.

A 1ª Edição (2018) sob a coordenação do IFSertãoPE, Programa Ação Saberes Indígena na Escola, a temática escolhida por professoras e professores indígenas Pankararu foi “Narrativas do Povo Pankararu no Fortalecimento do Território Indígena Pankararu”, permeou todas as atividades realizadas durante as oficinas e resultou no livro “Memórias e vivências: saberes e fazeres nas Escolas

Indígenas Pankararu”, com narrativas de professoras e professores indígenas Pankararu. Segundo o professor Edson Silva foi evidenciado os,

protagonismos indígenas na História e na atualidade, como sujeitos sociopolíticos que, com mobilizações, retomaram a escola, formulam uma Educação Escolar Indígena que atendam a seus interesses, contribuindo para conquistas, reconhecimentos e garantias de direitos. [...]. Como participantes em processos de formação continuada, na elaboração de materiais didáticos destinados à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental I, os/as professores/as indígenas Pankararu relataram trajetórias de vida, experiências vivenciadas e de aprendizados (SILVA, 2019, p. 12).

A 2ª edição foi realizada entre o mês de dezembro de 2020 e o mês de setembro de 2021, período marcado pela pandemia da COVID-19. Mesmo assim, as atividades realizadas foram inúmeras, com a confecção de diversos materiais didáticos, como jogos, cortinas pedagógicas, produções de textos, uso de recursos áudios-visuais, pesquisa de campo sobre as serras, as nascentes, as plantas medicinais, relacionando as práticas culturais e ambientais, através das memórias de lideranças indígenas Pankararu, resultante na seleção e descrições de atividades constantes neste livro.

REFERÊNCIAS

- ARRUTI, J. M. A. Agenciamentos Políticos da “Mistura”: Identificação Étnica e Segmentação Negro-Indígena entre os Pankararú e os Xocó. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 23, nº 2, 2001, pp. 215-254. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-546X2001000200001>. Acesso em: 11 fev 2019.
- OLIVEIRA, E. G. S. **Os índios Pankará na Serra do Arapuá**: relações socioambientais no sertão pernambucano. Campina Grande, PPG em História/UFCG, 2014, 133 p.
- OLIVEIRA, E.G.S. **Os indígenas Pankará, o rio São Francisco e a barragem de Itaparica (Luiz Gonzaga)**: movimentos identitários e relações socioambientais no Semiárido pernambucano (1940-2010). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em História Social – FFLCH/USP, 2022, 250p. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-04102022-153000/publico/2022_EdivaniaGranjaDaSilvaOliveira_VCorrig.pdf.
- SILVA, Edson. Índios: pensando o ensino e questionando as práticas pedagógicas. Instrumento, Revista em Estudo e Pesquisa em Educação, v. 21 n. 2, p. 168-186, 2019.

PARTE 01

AS SERRAS, HISTÓRIAS E SIGNIFICADOS

As serras, histórias e significados

Fernando Monteiro dos Santos, Maria Jacielma Monteiro do Nascimento, Maria José dos Santos, Maria Nazaré dos Santos, Rita de Cássia dos Santos

A Serra da Fonte Grande é um palácio encantado...

Quando avisto de bem longe... E quando chego no reinado meu coração estremece disparadamente... fico em silêncio, logo peço licença. E, meus pedidos agradeço a todos meus capitães encantados.

No palácio encantado tem segredos e ciência, tem histórias e a cura...

Tem pratas, ouro e diamantes...

Lá vejo águas a brilhar!

Vejo moças, homens e mulheres, mas crianças não vejo lá...

São mistérios lá, ciência que temos por natureza as regras do meu lugar, respeitando com muita fé.

Dependendo da ocasião e do merecimento, muitos chegam na nascente e encontram um belíssimo peixe, com um colorido encantador, espalhando borbulhas d'água por todos os lados. Mas logo após ser visto e admirado, desaparece misteriosamente nas fervuras das águas.

Outros veem uma mulher apresentar-se sempre de costas, com cabelos bem longos, que cobre todo seu corpo, aproveitando as águas da santa nascente. Mas, quando alguém se aproxima, aquele cenário desaparece sempre misteriosamente.

Segundo o senhor Marciano, as Serras da nossa nação movem o nosso mundo cosmológico, porque elas guardam os mistérios da ciência sagrada. A serra da Fonte Grande é nossa grande riqueza natural e imaterial. É lá onde está o Palácio Encantado, a morada dos capitães, como diz o toante:

Cantador mora lá

Em fonte grande...

Cantador é de lá

De fonte grande...

Cantador vem de lá

De fonte grande!

Nós, somos privilegiados com a preciosa nascente, que brota no pé da serra. Uma água pura e cristalina. Durante toda manhã ela surge morna, quando chega meio-dia pra tardezinha vai esfriando. Esta serra origina outras nascentes: do seu

lado direito tem a nascente da cajazeira que deságua na cachoeira, do seu lado esquerdo tem a nascente de Ana Rumão (as cutias) no sorongo e por trás da serra da origem a nascente da Tapera. São essas nascentes que guardam os segredos, a sabedoria e a experiência inexplicáveis.

Todos nós respeitamos os donos encantados. É lá onde fazemos nossos pedidos, alcançamos nossas vitórias e curas. Para alguns que têm o merecimento, os donos encantados se apresentam em forma de animais ou até em pessoas conhecidas.

Porta do Palácio Encantado – Território Indígena Pankararu



Fonte: Miguel Antonio da Silva, 2021.

Serra da Tapera

A Fonte da Tapera e a Fonte do Brejinho

Estas nascentes têm muito valor natural, é histórico para nosso povo Pankararu. Suas águas embelezam nossas vidas e traz a nossa originalidade em buscar a água para beber, tomar aquele banho, lavar as roupas diretamente da fonte que estrondava ao jorrar água da serra abaixo. A mãe natureza é um espetáculo de riquezas e valores que precisamos salvaguardar diante das ameaças que enfrentamos como a diminuição das águas, a escassez das plantas e árvores nativas, e as canalizações. Necessário é o reflorestamento destas valiosas espécies em nossas nascentes.

As serras e seus mistérios são as moradas dos nossos pais Encantados que respeitamos por ser viva e por nos dar um lugar rico de ciência sagrada.

Em frente ao terreiro de Andorinha

Tem a serra de Barradinho

No alto desta serra, vive Cajarana...

Serra da Tapera – Território Indígena Pankararu



Fonte: M.D.C.P. Prado, 2021

Nascente da Tapera – Território Indígena Pankararu



Fonte: M.D.C.P. Prado, 2021.

Prática cotidiana com água da Nascente da Tapera



Fonte: M.D.C.P. Prado, 2021.

Gruta da Tapera



Fonte: M.D.C.P. Prado, 2021

A Gruta Buraco do Útero

Em nossa cosmologia Pankararu as grutas têm seus donos. São as moradas dos seus donos encantados que nós Pankararu temos muito respeito e tememos suas brabezas.

A gruta buraco do útero, tem este nome por ter o formato de um útero. Esta é uma obra natural da mãe natureza, que nos mostram e nos comunicam informações muito importantes para os nossos mais velhos.

Gruta buraco do útero – Território Indígena Pankararu



Fonte: M.D.C.P. Prado, 2021.

Os Lajeiros do Lucas

Lajeiros do Lucas – Território Indígena Pankararu



Fonte: M.D.C.P. Prado, 2021

Os lajeiros do Lucas

Os lajeiros do Lucas
Nome herdado da família
Que ficava no local
Que a Lucas pertencia
Tinha um bebedouro
Conhecido como piá.
O local movimentado
A água era natural
Para várias atividades
Foi muito essencial
Desde o consumo
Até para o animal.
Onde vinham as famílias

Do Brejo dos Padres
Para trabalhar na roça
Construindo sua identidade
Faziam ranchos
Viviam na prosperidade.
Existia a disputa
Com índios e posseiros
Queriam ser os donos
De todo o lajeiro
Aproveitando a riqueza
E o espaço inteiro.
Muitas pessoas
Ali se alojaram

Lavando roupas
E vestimentas que usavam
Buscando água pro consumo
Nas ações que praticavam.
O lajeiro do Lucas
Na Carrapateira foi marcado
Como um lugar importante
Como elemento sagrado.
De água essencial à vida
E legumes plantados.

Sempre Lembramos
De lugares destacados
Pois fazem parte da vida
Como seus elementos sagrados.
E hoje são lembranças
Acontecimentos passados

Autor: Mansueto Manoel.

Memórias e Histórias do Lajeiro do Lucas

O sábio senhor Manoel João do Nascimento, indígena da Aldeia Carrapateira, afirmou o nome do lajeiro do Lucas referente a um antigo da roça. O lajeiro é composto por cavidades de pedras que acumulam muita água em tempos de chuvas, formando grandes bacias de águas.

Antigamente a área do lajeiro do Lucas era utilizada pelos indígenas da Aldeia Brejo dos Padres para construção de ranchos e alojamentos próximos aos lajeiros. Sendo local de abrigo em época de preparo da terra e de plantios agrícolas.

As águas do lajeiro serviam para as práticas cotidianas de vivências dos indígenas: no preparo de comidas, lavagem de roupas, banhos etc. Os indígenas preservavam, cuidavam e economizavam as águas. Após o uso cobriam as bacias de águas com madeiras ou lonas para mantê-las sempre limpas.

Durante muitos anos as águas dos lajeiros foram essenciais para o povo tanto da Aldeia Carrapateira como de outras aldeias que passavam necessidades por falta de água. Em épocas de chuvas as mulheres lavavam roupas e muitos(as) tomavam banho. A colheita de imbu é disputada, pois nos arredores dos lajeiros tem muitos pés de imbuzeiros, todos bem saborosos. O lajeiro é um lugar tão bonito, importante espaço de histórias e memórias. Atualmente, são moradias para os animais.

Serra dos Caldeirões

Os Caldeirões estão localizados na serra do lado esquerdo da Aldeia Agreste. Durante muito tempo as águas armazenadas nos Caldeirões eram usufruídas pelos Pankararu para saciar a sede, lavar roupas e tomar banhos.

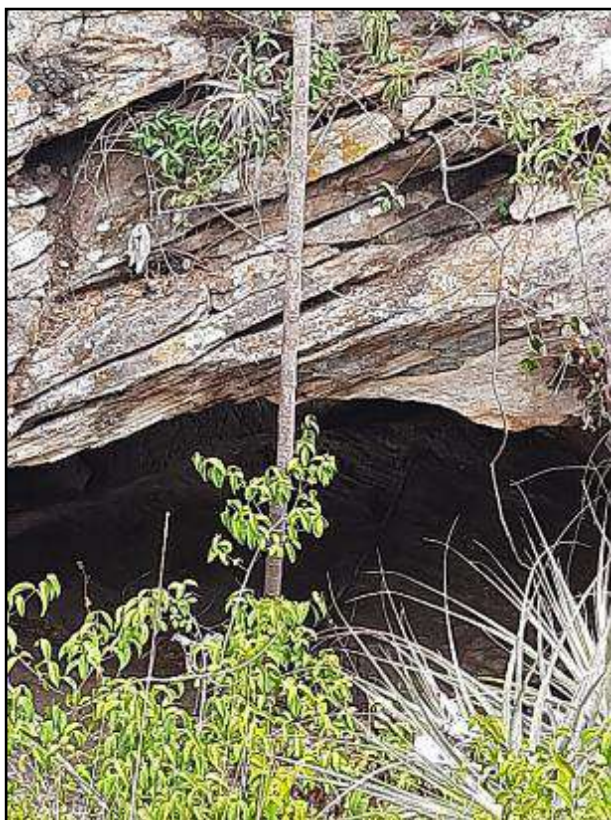
Em meados de 1980 ocorreram grandes tempestades em nosso território e as nascentes existentes garantiram a sobrevivência do nosso povo. Em um desses caldeirões existe uma nascente permanente de água, mas outras nascentes são temporárias.

Espaço de muitos mistérios e histórias. Quando os “donos” do caldeirão gostam de alguma criança fazem elas adormecerem e para acordarem somente com as ordenanças dos nossos sábios. Por isso quando entramos em algum lugar que não conhecemos seus segredos devemos pedir permissão aos Encantados.

Ao redor dos caldeirões a mata está bem preservada, o que necessita é de chuvas constantes para que eles fiquem sempre a jorrar suas águas, por serem fontes temporárias.

Caldeirões do agreste





Fonte: Roseane Maria Xavier; Santos Margarida, 2021.

A Loca do Morcego/Serra do Morcego

A Loca do Morcego é um espaço da Serra do Morcego. Esse espaço é reserva natural desde os nossos ancestrais, onde muitos sábios se protegiam de ataques dos perseguidores.

É local sagrado. Existe uma passagem secreta, como um caminho que abre para o Barreal⁵, lugar de safra de imbu, onde as moças colhem imbu para colocar nos cestos, utilizados no ritual da tradição das Corridas do Imbu. Para atravessar a loca do morcego só é permitido aos indígenas que detêm o conhecimento da tradição. A desobediência pode resultar em adoecimento misterioso, como a visão de vultos, pedras arremessadas e barulhos estranhos.

Importante conhecer e reconhecer as histórias para respeitar o espaço sagrado da Loca do Morcego e da Serra do Morcego.

⁵ Barreal é um espaço da reserva dos imbuzeiros dentro do território. Palavra que faz parte da língua ancestral.

Serra Grande

A beleza que encanta,

Lá está bem do lado de cá, no pé da Serra Grande, o Pebão.

E bem de frente da nascente em meio às belezas das pedras, lá nas alturas está ele o nosso guardião que tudo vê e tudo sabe, a mostra a cara do indígena que ama, zela e protege seu povo e sua nação... Que assim se faz surgir pelas forças da natureza e das ventanias.

Dentro da mata virgem existe grande ciência...

Por muitas temporadas esta serra é abrigo e também esconderijo. Nosso povo faz aquele ajuntamento para viver em liberdade a riqueza da natureza. As águas, os alimentos...

A ciência...

Depois de passar a temporada já descambava para a serra jurada, a gruta e a cachoeira.

Lá passavam outra temporada, pescando, fazendo as nossas festas de índio, cantando e dançando...

Também fazendo nossas obras de artes para as nossas festas e cerimônias, nossos pratos, tachos, campião, gaita, maracá, colares, brincos etc. Tudo guardavam dentro da gruta.

Cada serra tem seu dono Encantado, são eles quem nos dão os sinais e as ordens de nosso mundo encantado.

Cara do índio/Serra Grande – Território Indígena Pankararu



Fonte: Alisson Barros da Silva, 2021.

Serra do Pebão

Nesta serra existem muitas histórias e mistérios, nessa serra existe uma nascente encantada, onde nossos Encantados, fazem morada e protegem a nossa nação. Lá este lugar permanece verdejante com uma beleza natural em todas as estações do tempo.

O indígena Jurandir Silvino dos Santos frequenta muito esta nascente. Explica que se ouve o barulho das águas caindo frequentemente, mais no entardecer. Mas, apreciar tamanha beleza natural não é pra qualquer pessoa. É preciso ter a essência desses valores.

Serrote das Moças

Os mais velhos contam que no serrote das Moças havia três moças procurando um lugar para se esconder, avistaram aquele serrote, esconderam e se encantaram. Depois quem passava pelo serrote para entrar na mata ouvia as moças conversando por uma língua diferente. É considerado local sagrado, lugar do Encantamento das três moças. O serrote das Moças é um patrimônio natural muito valioso para nós, Pankararu.

Serrote das Moças – Território Indígena Pankararu



Fonte: Guilherme Gomes da Cruz Júnior, 2021.

Serra do Rei dos Peixes

Serra do Rei dos Peixes – Território Indígena Pankararu



Fonte: Guilherme Gomes da Cruz Júnior, 2021.

A Serra do Reis dos Peixes é um espaço de mata fechada e bem cheirosa. O cheiro de folhas e flores no ar nos diz muitas coisas... Aqui tem “dono” de muito valor. Com a permissão de subida na serra poderá ter a ordenança de ver e apreciar muitas espécies de animais, como o tatu, peba, camaleão, preá, teiú etc. São animais festejados, mas não poderão ser caçados e nem matar, sem permissão.

Serrote Tarraxá

Serrote Tarraxá – Território Indígena Pankararu



Fonte: Guilherme Gomes da Cruz Júnior, 2021.

No Serrote Tarraxá havia um bicho maligno. Os mais velhos pediam para nenhuma criança passar pelo serrote, entre as 06 horas da manhã, às 12 horas do dia e da noite. Quando alguma mãe ou pai passavam com criança por lá, eram pegas por um bicho, adoecia ficando muito mal.

Um dia uma criança passou pelo Serrote e adoeceu. Seus pais a levaram para casa de um sábio. Ele fez os preparos, o bicho chegou pediu para os pais entregar aquela criança. E, a partir daquele dia deixaria de judiar as crianças. A família acreditou e com fé foi feita a entrega e aquele mal acabou. Hoje o serrote é protegido pelo seu dono Tarraxá.

A Serra da Pedra Branca

A aldeia Espinheiro existe uma serra muito bela e muito misteriosa. A serra é chamada serra da Pedra Branca. Esta serra guarda um grande mistério. Os indígenas que passam por lá ou quando vamos fazer uma ordenança, mesmo longe avistamos uma claridade branca, movendo os olhares de uma linda moça de pernas cruzadas, ordenando a todos os cuidados ao seu Reino Encantado.

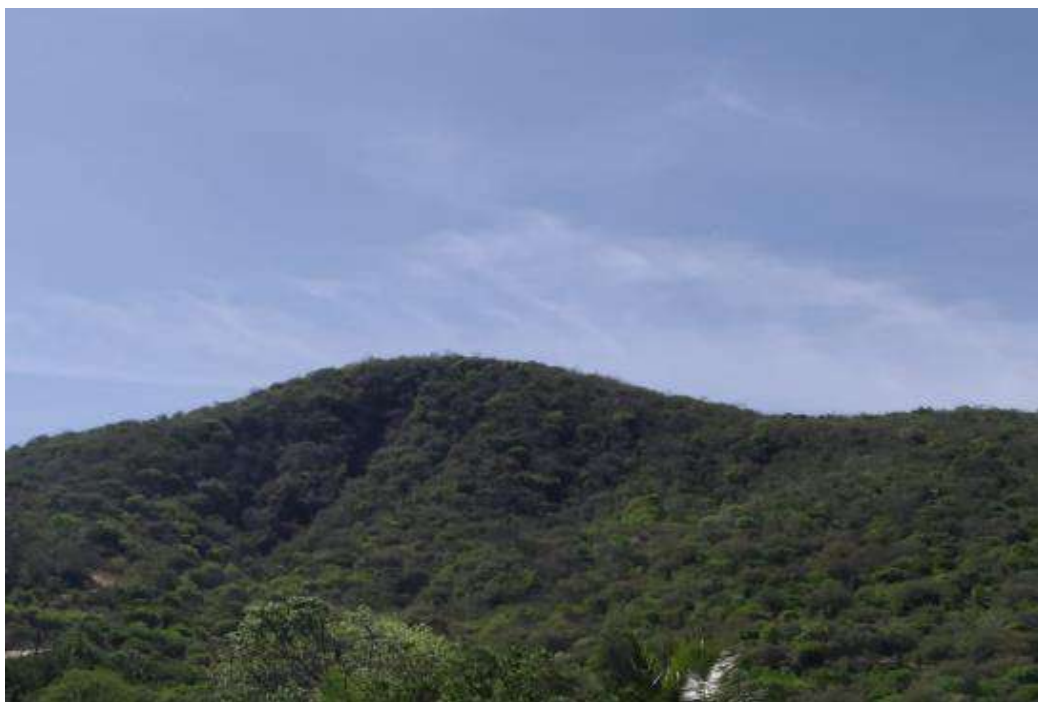
Os nossos rituais tradicionais são com ervas e fumo. Assim todos bebem o adociká e fumam no kampiô. Então, num dia as diligências já haviam sido realizadas. Mas, uma moça sentiu a necessidade de fumar e pediu o kampiô, naquele momento não havia mais fumo. Ela sendo ordenada por tamanha necessidade saiu de caminho a fora e foi parar naquela serra a procura do fumo. Mas ao chegar bem no topo da serra se encantou deixando a forte marca da ciência na pedra.



Fonte: Marli Marlene dos Santos, 2021.

Serra de Mané Zoião

Serra de Mané Zoião – Território Indígena Pankararu



Fonte: Geovam Miguel da Silva, 2021.

Lá na serra de Mané Zoião também tem seu dono e seus encantos. Muitas pessoas escutam a gaita assoviar grosso e fino e o cheiro forte de erva. Esses sinais fazem parte dos mistérios da nossa ciência.

Antigamente os mais velhos fugiram para lá por ser uma serra muito alta e de difícil acesso. É um espaço muito reservado e possui uma visão privilegiada: lá de cima se avista todos que se aproximam e quem olha daqui não vê quem está lá na serra.

A nomeação da serra é atribuída ao indígena Mané Zoião por optar morar na serra com sua família, por ser um local bem reservado, muito lindo, com fontes e nascentes. Por muitas situações de enfrentamentos vividas por nosso povo, como exemplo a falta de chão no território, nossos mais velhos começaram a fazer os seus roçados no topo da serra. Muitas famílias trabalham lá, naquelas roças.

A serra de Mané Zoião foi muito bem cuidada por eles em relação ao preparo do chão e ao plantio de mandioca, batata, macaxeira, feijão-de-corda, utilizando práticas agrícolas com cuidados para evitar impacto natural nas encostas da serra.

Considerado uma riqueza de ponta a ponta do topo da serra. Nossa liberdade embelezava todo o cenário, tão nosso, tão natural. Corríamos para a fonte, buscar água, subir nas mangueiras e pinheiras, que frutas tão gostosas, que coloriam todo espaço das nossas roças.

Esse nosso viver vai além dos elos naturais e da nossa sobrevivência... sempre tem seus encantos. Lá se escuta o toque das gaitas, o canto dos maracás. O dono desta serra é muito bravo. Por isso, lá fica só o mistério que não pode ser revelado com tantos detalhes, porque nem tudo que se vê e se ouve, se fala...

Nascente de Maria das Dores

Nascente de Maria das Dores – Território Indígena Pankararu



Fonte: Roseane Maria Xavier; Santos Margarida, 2021.

Esta nascente está localizada no pé da ladeira da Aldeia Agreste. Fica na mata embaixo de um pé de Imbaúba. Os mais velhos dizem que onde tem esta planta existe uma nascente.

Esta nascente sustenta muitas famílias, habitantes no Agreste de Cima, no consumo de água, utilizada para beber, cozinhar e lavar roupa. Também as pessoas que passam por lá, para beber da sua água limpa e cristalina, em meio de tantas árvores, ladeiras, pedras, está lá uma bela nascente.

Serras Pankararu

Aos nossos praia encantado
Peço então consentimento
E que mim de entendimento
Pra narrar com sentimento
O que colhi em depoimento

As pessoas vão falando
E assim nos alertando
Já vão logo avisando
E os encantos preservando
E nem seus nomes
Mencionando

Cada Serra tem seus donos
São das grutas com certeza
Deixe logo essa peleja
Pois falo com franqueza
Que não é brincadeira

É melhor nem comentar
Cada coisa em seu lugar
E só nos resta é respeitar
Vou agora relatar
As belezas que aqui há

Temos a Serra da Fonte
Grande
Do Palácio Encantado
Lugarzinho abençoado
De Xumpuium berço sagrado
Onde faz morada dos
Encantados
Tem água doce feito mel
Pedacinho lá do céu
Preservar e ser fiel
É cumprir nosso papel

Na Serra da Cachoeira
Tem até a cajazeira
Venha ver que a natureza
Faz brotar tanta beleza

Com as Serras das Cutias
Tanto a noite como o dia
Tem encantos e magia
E é com muita alegria
Que te dou a garantia

Tá na serra do Zoião
O lugar onde os fujões
Já corria em direção
Pra fugir dos curiões

Lá do alto do Cruzeiro
Vejo então meu povo inteiro
Vai turistas e romeiros
Que nas cruzes se ajoelham

Seu Antônio de Dona Cota
Fez ali sua história
Trouxe luz
Que Glória!

Lugarzinho abençoado
É o Serrote da Missão
Lá tem Santos e devoção
Que mantém viva a tradição

Chegando os Padres Jesuítas
Que aos índios impõe doutrina
Acrescentando em nossas
vidas
O que a Bíblia nos ensina

Tem a Baixa da Bixiga
Era ali o fim da vida
De quem tinha maldita
Da doença acometida

Ficava ali abandonado
Ou até ficar curado
Eram por todos desprezados
E sem poder ser visitados
É só por Deus eram amparados

Subindo mais pra cima
Tem ali o Mulugu
Lá é terra dos imbú
Caça peba até tatu

Lá também tem uma cachoeira
Lá tem caças de primeira
Lugar lindo de riqueza
Tem as plantas curandeiras

Aroeira, quixabeira e também
tem catingueira

Já Serra do Romão
Vai subindo em direção
Lá tem fonte e tem grotão
Que me faz sentir tanta emoção
Tem ali uma ladeira
Que não é de brincadeira
É importante e deslizeira
Que pra subir só na primeira

Minha terra é muito linda
Tem belezas escondidas
Tem mistérios reservados
E que nem sempre é revelado
Mas tem que ser bem
respeitado

A pesquisa foi cumprida
Foi tão dura e tão corrida
Mas por fim desenvolvida

E o melhor absorvida

São histórias e belezas
E é tão linda a natureza
Que falo com certeza
Com orgulho e com franqueza
Nunca vi tanta riqueza

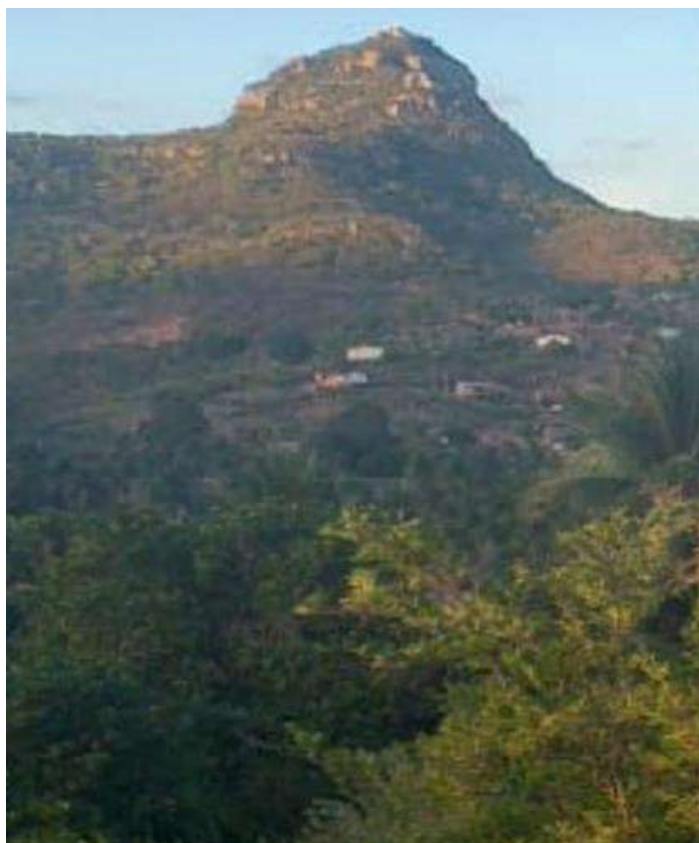
Quero então agradecer
A quem pode nos ceder
Um pouquinho do seu saber
E Pankararu fortalecer

A Deus a gratidão
Aos encantos a devoção
Por nos dar a permissão
De passar de mão em mão
Toda nossa tradição

Autoria: Janaína Bezerra da Silva.
05/03/2022

Serra do Cruzeiro

Serra do Cruzeiro – Território Indígena Pankararu



Fonte: Miguel Antonio da Silva, 2021.

A Serra do Cruzeiro tem uma beleza espetacular. O seu topo é o espaço mais alto da nação Pankararu. É um local de riqueza, com muitos pés de licoreiro⁶. Os mais velhos subiram muito a serra, principalmente no tempo das secas. Tiravam o caule para fazer comida, batiam o caule nas pedras ou lajeiros até sair uma massa, parecida com a goma de mandioca.

Como passar do tempo muitas famílias fizeram o pé de serra sua moradia. As famílias foram dos Senhores: Avertino, do velho Dé e dona Alexandrina, do Mané Filé e os Custódios. Lá também tem a fonte nascente dos Calistas.

Os padres que andavam por aqui antigamente resolveram colocar uma cruz bem no topo da serra, para todos Pankararu manifestar sua fé, visitando, fazendo

⁶ A Palmeira licuri (nome científico: *Syagrus coronata*) também é chamado por alicuri, aricuí, adicuri, cabeçudo, coqueiro-aracuri, coqueiro-dicuri, iricuri, oricuri, ouricurizeiro, uricuri e uricuriba. Disponível em: <https://www.cerratinga.org.br/especies/licuri/>. Acesso em 27/11/22.

peregrinações no pé da cruz. No período da quaresma no domingo de Ramos os penitentes e as mulheres realizam as penitências, nos dias determinados tanto para mulheres, como para os homens. Hoje o senhor Antônio de Cota mostra sua grande vontade e fé, cuidando do Cruzeiro no topo da serra.

As Cruzes

Na subida da ladeira para a serra do cruzeiro estão as cruzes, um lugar abençoado. Quem passa por lá vai logo fazendo sua reverência. A venerada Santa Cruz, é expresso o seu amor e fé a nossa mãe poderosa que abençoa a quem vai e vem.

As cruzes são um lugar sagrado, muitas pessoas vão até lá para pagar suas promessas, por suas vitórias alcançadas.

Cada parte do corpo, como por exemplo, cabeça, braço, mão, peito etc. feito de barro ou de madeira, deixado lá nos pés da Santa Cruz tem um significado.

As Cruzes – Território Indígena Pankararu



Fonte: Miguel Antonio da Silva, 2021.

Fonte do Posto

Fonte do Posto – Território Indígena Pankararu



Fonte: Miguel Antonio da Silva, 2021.

Nosso diamante azul!

Quando os passarinhos cantam já acordamos com vozes no ar... Passarinho que não deve nada a ninguém, já canta desde o surgir da barra do dia.

Antigamente era comum encontrar com as pessoas indo e vindo nos caminhos para a Fonte do Posto, buscando água para beber. Carregavam potes de barro na cabeça ou em jegues nos caçoá⁷. Diariamente era local de diversão, as pessoas vinham de muitas aldeias para buscar água para beber.

Esta nascente é muito limpa, pura e gostosa, a sua minação não tem explicação. Ela brota do meio das pedras como um diamante azul. Hoje essa riqueza natural significa um grande patrimônio para o povo Pankararu. Por isso, devemos sempre cuidar, não permitir animais soltos para não comer as espécies de plantas e ervas que nascem aos arredores da nascente, para proteger.

Os animais soltos devoram a vegetação causando uma ameaça para as nascentes e para nós, além de poluir as águas. Vamos cuidar dos nossos bens naturais deixados pela mãe Pindaé.

7 Cesto feito de cipó para armazenagem de materiais diversos amarrados em lombo de animais de carga. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/ca%C3%A7oa/carga/>. Acesso em 27/11/22.

A Nascente de Agenor (cacimba)

A nascente ou cacimba como alguns a chamavam, ficava localizada na roça de Agenor Prazeres, na Aldeia Carrapateira. Uma pequena fonte, um buraco em formato arredondado, cercado por muitas plantas frutíferas, como: canas, bananeiras, mangueiras, cajueiros e outros. As plantas próximas a nascente eram canas e bananeiras.

Conta-se que a fonte tinha uma enorme “Gia” (rã), com olhos grandes e redondos e com duas listas amarelas sobre a pele. Segundo moradores a “gia” era a dona da nascente, após a sua morte, a fonte secou. Era uma nascente de água um pouco salobra e bem clara (cristalina).

Indígenas com potes de barro buscavam água todos os dias para beber, cozinhar, lavar pratos etc. Naquele tempo, a carência por água era muita, beneficiando diversos indígenas. Apesar das dificuldades de acesso ao local e do sofrimento das secas, as pessoas quando iam buscar água aproveitavam para tomarem banhos, para contarem e ouvirem histórias. Era um lugar tranquilo, com ar puro, que transmitia sensação de liberdade, florescendo energias positivas e alegrias.

Com o passar dos anos, por razões diversas, desde a falta de cuidado com a preservação da fonte, por não precisar mais da água de lá ou pela ciência da “Gia” a fonte secou. E aquela roça com muitos pés de frutas e uma fonte Encantada não existia mais. O que existe é uma área limpa, sem plantios, com sinais de descaso, de desmatamento. A nascente ficou na memória das pessoas, que tiveram o privilégio de conhecer, de viver bons momentos, de sentir a natureza naquele espaço.

Serras, grutas e nascentes da Aldeia Macaco

O tema “Serras, Grutas e Nascentes” foi definido como atividade de uma oficina do Programa Saberes Indígenas na Escola. A equipe composta pelas professoras; Glória de Fátima, Jackceli Mayara, Maria Aparecida e Maria do Socorro, reuniram na escola e decidimos pela elaboração de um Diagnóstico das Serras, Grutas e Nascentes da comunidade Aldeia Macaco. Inicialmente foi realizado um breve levantamento sistemático, compondo pessoas possíveis de colaborar na pesquisa, como moradores mais velhos ou que conviveram com lideranças.

A pesquisa pretendeu responder as seguintes questões: existe serra, grutas e nascentes na comunidade Aldeia Macaco? Qual a importância de preservar as serras, grutas/furnas e nascentes na nossa comunidade? Qual a relação dos mais velhos com as serras, grutas/furnas da nossa comunidade e por que frequentavam as mesmas? Para responder tais questionamentos buscamos visitar áreas e entrevistar os moradores mais velhos ou que conviveram com lideranças para melhor compreensão e aprendizagens. Contando com a colaboração de lideranças da comunidade registramos informações importantes. Selecionamos algumas entrevistas:

Dona Cícera contou:

Era um bicho perigoso que queria tomar a criança dele... Olhe dona menina, os mais velhos falavam que, nessas serras tinha um bicho muito ruim que atacava criança, ataca adulto. Já ouviu falar? A criança de todo jeito é atacada. E, se for uma pessoa adulta, é uma dor de cabeça, uma dor na perna, uma dor no braço, uma dor na barriga.

Reforçou que:

existem indígenas conhecedores dessas coisas, desse caso. Muitos sabem quando um bicho desse quer atacar uma criança ou uma pessoa adulta, aquele rezador - o índio que tem "caboco", e é feio e é ruim... O índio só pega uma coisa no mato quando tem permissão. A verdade que aqui, mesmo aí onde é esse pé de pau era a casa de meu pai, eu ainda era moça, era nova... Mas me lembro que minha sobrinha, uma filha de comadre Socorro, Rosa, era uma criancinha assim

com o cabelo comprido. Ela gosta de vir. Meu pai morando aí e ela morava ali embaixo. Tem criança que gosta de vir para a casa do avô, sabe? Quando foi um dia de quinta-feira da Paixão, Quaresma! A menina saiu de lá, foi chegando aí perto desse pé de pau. Meu pai estava dentro de casa, nós estávamos dentro de casa e escutamos o grito dela... 'vovô... vovô...O que foi minha filha?'. O pai saiu e escutou a menina dizer, 'Um bicho, um bicho!'. O pai disse: 'oxente! Que bicho é esse?'. Pegou no braço da menina e levou para dentro da casa. [...]. Quando foi na sexta-feira da Paixão, novamente a menina chegou gritando, o meu pai correu para acudir a menina assombrada. E pai olhou e viu um bicho grande, um monstro horrível, muito feio. E meu pai falou: 'Bicho se você pode mais do que Deus, deixa a criança, vem a mim. Deixa a criança e vem a mim'. Quando disse assim o bicho foi embora. E o pai pegou a neta levou para dentro de casa e rezou nela.

Além de narrar outras histórias, como o sofrimento da falta de água, por não existir fonte de água próxima. Destacou a reza para quebranto com arruda.

Dona Conceição contou:

Existir uma fuma por nome de "marimbones⁸" na Serra do Vento. Antigo nome da Aldeia Macaco. O nome refere-se a marimbones, moradores, protetores e guardiões da fuma. Afirmou nasceu e sempre viveu nessa Aldeia. É espaço sagrado, de "caboco, de ciência, mas nem todos!".

Destacou que, há muito tempo que os mais velhos deslocam até a área para balançar o maracá⁹. A meia-noite sempre escuta, "cantarem, ê ê, ô, ô... há... escuta também o som da gaita, do rabo do tatu. Venho acender vela, fumar campião. Aqui passa o arco-íris. Resta pouca gente da nação mais velha Pankararu aqui do Macaco: Dona Maria de Ana Rosa, o povo de Zé Reboque, lá do outro lado. E eu, Conceição, desse lado de cá.

Dona Conceição relevou existir uma outra fuma por trás da sua casa, em cima da serra. Fez o convite para subirmos a serra para conhecer a fuma e prontamente aceitamos. Fomos surpreendidas com a sua disposição, aos 76 anos. Subiu a serra com seu maracá na mão, o campião e um pacote de fumo, demonstrando coragem, fé em Deus e na Força Encantada. E, dentro da fuma

8 No Brasil, as vespas da família Vespidae, Pompilidae ou Sphecidae, são conhecidas pelo nome de marimbondos. Disponível em: <https://vidaruralmt.com.br/Publicacao.aspx?id=257412>. Acessado em 27/11/22.

9 Instrumento sonoro e sagrado. É fabricado da fruta da planta cabaça seca.

contou muitas histórias vividas e ouvidas por ela, relacionada ao nosso “Tronco Velho”, levando todas nós, ao passado, as nossas memórias, aos lugares sagrados da nossa comunidade. Além de propiciar a bela paisagem das serras com seus cruzeiros, a Cara do Índio e o Rio São Francisco. Dona Conceição cantou vários toantes, chamando a atenção para a preservação e importância daquele lugar. Expressando o amor a terra em que vive e ao nosso Povo Pankararu.

Senhor Cláudio contou...

Entrevistamos ao Sr. Cláudio, filho do saudoso João Tomaz dos Santos, eternizado Pajé Pankararu. Buscamos saber se existia alguma separação da Serra do Macaco com a da Aldeia Espinheiro, do Barroão e da Furna dos Marimbondos. Além de perguntar a razão da denominação Macaco para a Serra, a respeito da vegetação e se existia alguma nascente na comunidade. Afirmou o Senhor Cláudio que,

O nome Macaco é muito antigo, “do tempo dos finados, meus avôs. Quando pai era vivo, seu João Tomaz, saía para serra. Ele tinha segredos, nunca dizia o que ia buscar lá. Perto da ladeira que vai para o Barroão tem uma gruta que é mais ou menos do tamanho desta sala, pai dizia que ela era a gruta dos Encantados. E, de lá escuta eles cantar com maracá. Eu já fui lá. Já escutei o galo cantar e o dançar dos praiás com maracá. A carreira foi grande. Pai também contava que antigamente quando alguém levantava um Praiá sem ordem, eram presos lá na gruta. Em cima da serra tem muitos pés de licuri, tinha muito mais. Mas foi cortado para fazer roças. Muitas famílias viviam do artesanato da palha, fazendo vassouras e bolsas. Não tem muito hoje, porque alguns se aposentaram e outros morreram. Só conheço a nascente da Fonte de Cima, do lado do Barroão, água azeda...

Dona Odete contou...

O sofrimento devido a falta de água. Na Fonte do Barroão lavavam roupa e carregavam água para uso diverso. Afirmou que quando as fontes da região “são esgotadas, mina outra água e fica limpinha. Quando o tempo é bom de chuva, quando não, seca tudo.

A partir das informações coletadas em campo sobre as nascentes da Aldeia, verificamos a existência de nascentes temporárias, secam no período de escassez de chuva. Mas, em anos de chuva abundantes não secam, parecendo perenes.

As pesquisas de campo foram importantes para compreendermos a importância do imaginário, de ordem espiritual, na memória do nosso povo, através de histórias passadas de pai para filhos. As relações com as serras e fontes, são permeadas de práticas culturais, necessárias para aprendizagem e o fortalecimento de conhecimentos dos(as) nossos(as) alunos(as). A possibilidade de trabalhar junto com nossos alunos todos esses saberes indígenas, deixou em nossa equipe um sentimento, não apenas de dever cumprido, mas principalmente de satisfação e alegria, na contribuição para a melhoria da educação indígena, para as gerações futuras. Enfim, pensando na história da Aldeia Macaco, lembramos a frase do nosso livro: "A educação diferenciada consiste no trabalho de integração de nós, índios com nossos antepassados". A aprendizagem ocorre mesmo é na comunidade.



Fonte: Glória de Fátima Costa Santos.

A Biodiversidade e o Bioma: uma relação dos elementos da natureza e o clima na religiosidade

O tema buscou relacionar a biodiversidade e os elementos da natureza e da religiosidade. Um dos objetivos foi reafirmar as belezas das paisagens do Território Pankararu, da diversidade das plantas do Bioma Caatinga e outras plantas trazidas para esse habitat.

A Aldeia Brejo dos Padres possui condições ecológicas que se diferenciam das características de uma paisagem do Sertão, por possuir uma terra mais úmida, por possuir pequenas fontes de nascentes, possibilitando práticas agrícolas irrigáveis.

A região é mais farta de frutíferas como goiabeiras, pinheiras, cajueiros, mangueiras etc. As plantas da Caatinga predominantes são: catingueira, angico, xique-xique, juazeiro e imbuzeiro. As famílias praticam agricultura, os principais cultivos são mandioca, feijão, milho e abóbora. A paisagem natural relaciona-se com a nossa cultura, tradição e a identidade. Sendo o imbu, a fruta simbólica para o povo Pankararu.

As nossas serras, nascentes e grutas são locais sagrados, cheios de mistério e de belezas. São espaços que não podemos declarar exatamente quem são os viventes nominais daqueles lugares, porém, pode-se dizer que é a morada dos Encantados. Por isso, espaços sagrados, exigem respeitos na manutenção da espiritualidade e da cultura do nosso povo.

Atualmente, há uma doença, uma “praga”, afetando as nossas mangueiras em diferentes espaços de nossa paisagem natural. A solução é tentar cuidar das mangueiras existentes, como também realizamos novos plantios para garantir às gerações futuras, as árvores e os frutos da planta mangueira.

O nosso território é fértil e produz farturas alimentares, muitas plantas são medicinais. Também são extraídas sementes e as fibras de várias plantas e de barro, para a produção da arte, da ritualística Pankararu. Há uma diversidade de animais aéreos, terrestres e aquáticos, como pássaros, raposas, tatu, camarões etc.

Alguns animais são considerados sagrados, fazem parte dos nossos rituais, da religião indígena Pankararu. Os animais que habitam o território atualmente são o mocó, preá, camaleão, teiú, juriti, codorna, azulão, galo de campina (cabeça

vermelha), pintassilgo, papa-capim, caboclinho, bigode, tamanduá, coleirinha, chofreu, urubu, bem-te-vi, beija-flor, raposa, tatu, tatu-peba, tanajura... Os animais em extinção são o tiú e a raposa. E, os animais extintos foram o veado do mato, nambu-pé, jaboti, pintassilgo e o tamanduá.

Significado dos cantos dos animais

O canto dos animais para nós, Pankararu, é muito importante. Faz parte do nosso cotidiano, através dos cantos que nos orientamos, através dos sinais emitidos pelos cantos de alguns animais. Ainda é uma relação vivida por nosso povo, é um meio de comunicação entre os animais e nossa comunidade há séculos.

O canto da CUAN, significa novidades ou morte.

O canto do TRÊS COCO (passarinho que parece um peru), significa que vai chover.

O canto do RASGA MORTALHA, significa a morte próxima.

O canto do CABURÉ (Cororo), significa que ele imita o som de pessoas, crianças.

O canto do PETITA, significa que vai chover.

O canto do ANUM PRETO, significa que alguém morreu.

O canto do VIM VIM, significa que alguém vem chegando ou chegou.

Realizamos entrevistas com lideranças da comunidade. O Senhor Antônio Aciole de Oliveira, conhecido como Antônio Caboclo, 67 anos. Fez um relato muito interessante sobre a aparição de vários pássaros CUAN no terreiro sagrada, onde ele é zelador, na Aldeia Tapera. Os pássaros desceram em pares, cruzaram o terreiro de asas abertas e foram até o PORÓ, local sagrado. Depois voltaram voando da mesma forma e foram embora. Logo depois recebeu a notícia da morte da Velha Erundina.

A tradicionalidade Pankararu: medicina e curas

Nós, Pankararu, valorizamos muito as práticas da nossa medicina tradicional, na busca da cura e de uma forma de vida sadia. Nossos costumes culturais são conhecimentos que vêm de nossos ancestrais e resistem sempre de geração a geração. É um conhecimento dos nossos encantados, buscamos a cura no nosso mundo encantado ou fora dele.

A nossa ciência é praticada pelos detentores dos saberes tradicionais, orientando os usos de ervas, raízes, sementes, plantas, entre outros. Quando há dificuldade em coletar plantas em determinadas épocas do ano, colhemos secas e guardamos em casa, com muito respeito para o uso dependendo da situação. Em nosso dia a dia, utilizamos em primeiro lugar a nossa medicina, em forma de chá, garrafada, lambedor, banho, além de misturas para curas diversas.

Segundo a indígena, Laurita Maria de Melo, rezadora e filha de moradores da comunidade (já falecidos). Evidenciou que aprendeu a rezar com seus pais. Desenvolveu esse dom de rezar nas pessoas por necessidade, pois morava na aldeia Porteirão, distante do acesso a medicamentos farmacêuticos, utilizou a reza para cura e alívio das enfermidades dos seus filhos, quando adoeciam. Mulher sábia na fé em Deus e em nossa senhora.

A senhora Laurita afirmou o uso de ervas medicinais como: arruda, recomenda o chá para dor em mulheres, após o parto e fiquem sentido dores, ajuda o útero a encontrar o lugar. Além da arruda podem usar também outras ervas como: o alecrim. Ressaltou a existência de vários tipos, como o alecrim de caco, o alecrim de caboclo, o alecrim de vaqueiro. Servem como calmantes, para febre e gripe, na forma de chá ou banhos.

Citou a planta pião como medicinal. Destacando a existência de três tipos, o roxo, o manso e o bravo. Também cultiva o pinhão do serrote no quintal, mas é de áreas de serrotes, das matas. Extrai o leite, folha ou madeira para curar feridas. A goiabeira é usada a folha cozida para ferimento ou inchaço. A folha da mangueira é recomendada para dor de cabeça, para cabelo ressecado. O chá do coração da índia é bom para doenças do coração: a folha do coração para alteração do coração, o pulso forte, pega as folhinhas meio amareladas, meio madura. Pode usar tanto a fruta como a folha. O chá de folha de abacate para pressão, emagrecimento, retenção de líquidos. A fruta tamarindo é um laxante e o chá da folha ou da madeira, é indicado para doenças de fígado.

Explicou para fazer as rezas usa a folha do pião ou a mamoneira. Também destacou a folha de mamoneira para dor de cabeça, esquenta a folha, coloca em um

paninho e amarra na cabeça. A dor de cabeça e enxaqueca podem ser provocados pelo excesso de sol, do sereno ou por consumo de alguns alimentos.

Além de receitar para insônia o alecrim de caco, a folha de laranjeira, a folha de cidreira ou de nervo, afirmou que a folha de nervo parece com a folha da cidreira. O mulungu é calmante, é bom para inflamação e para evitar as crianças de fazerem xixi na cama. O chá do cedro é recomendado para alergia, usa três casquinhas na água. Para banhos pode usar alfavaca, manjerição, jurema de caboco, colônia e flor de açucena. Reforçou o banho com a flor de açucena para acalmar a mente, tem muita força.

Afirmou o uso de “remédios do mato”. Faz uso de garrafadas em um mês e no outro não toma. Os ingredientes da garrafada: quina-quina, caça tinga preta, pau ferro, melãozinho de São Caetano, flor de mamão, castanhola, jurubeba e babosa. E finalizou dizendo que o único remédio que faz uso é para diabetes, nunca foi internada em hospital e já vai completar 80 anos.

O entrevistado, Senhor Carlito, ensinando a ciência das plantas, afirmou que todas as árvores são medicinais. Destacou muitas plantas e o combate a doenças semelhantes as citações da Senhora Laurita. Recomendou a castanhola para coluna, mamoeiro para verme. O chá do pinheiro é bom pra comida que faz mal. A orelha de onça é para dor de barriga. Para as mezinhas usa ameixa, aroeira, o cajueiro vermelho, jarrinha, beija-flor, e outras ervas.

Canta e pisa com fé Pankararu

O cantar e a dança para o Pankararu é a presença viva dos nossos mestres encantados.

É a força de reafirmação étnica, é o merecimento de pertencimento do nosso mundo encantado.

Quando cantamos um toante expressamos muito forte nossa fé e espiritualidade.

Cada toante que cantamos tem significado dentro das regras e dos nossos valores.

É através do canto que também falamos nossa língua.

Construir esse livro é poder contribuir com nossos projetos societários para nossa nação indígena Pankararu.

Este trabalho de autoria própria e coletiva, além de ser um material didático para o investimento satisfatório, é necessário para esta educação escolar indígena. Busca consolidar com as nossas vivências e experiências para salvaguarda dos nossos bens materiais e imateriais.

Este nosso jeito de sermos e de vivermos é uma referência valiosa em nossas relações da educação escolar indígena, para as práticas dos nossos saberes e fazeres, que tem como destaque os princípios da valorização do fortalecimento do autorreconhecimento étnico e cultural.

Os nossos cânticos são um dos elementos valiosos para a formação da identidade étnica, nos relacionamentos que nos identificamos também através dos toantes, da forma de cantar e pisar com fé.

Os toantes são expressões guardadas na memória viva que estão além do cantar e do dançar de cada tradição Pankararu, e se emanam ao mundo natural para o mundo encantado.

Toantes

As práticas culturais do povo Pankararu permeiam todas as práticas escolares. Os toantes são registros da nossa história e fazem parte dos rituais. Em sala de aula os Toantes foram cantados e contados histórias do nosso povo e os alunos produziram desenhos para ilustrar e expressar os significados compreendidos a partir dos Toantes.

Cabocas índias

Eu tava na beira do rio
Do outro lado de lá
Tinha duas caboclas índias
Bebendo água no coité
E a Reiá

E a caboca é do mar
Ela vem nos ajudar
Reiá

E a caboca é do mar
Ela vem nos ajudar



Santa Terezinha

Minha Santa Terezinha

Menina de doze anos

Oh saia a baleia, das ondas do mar

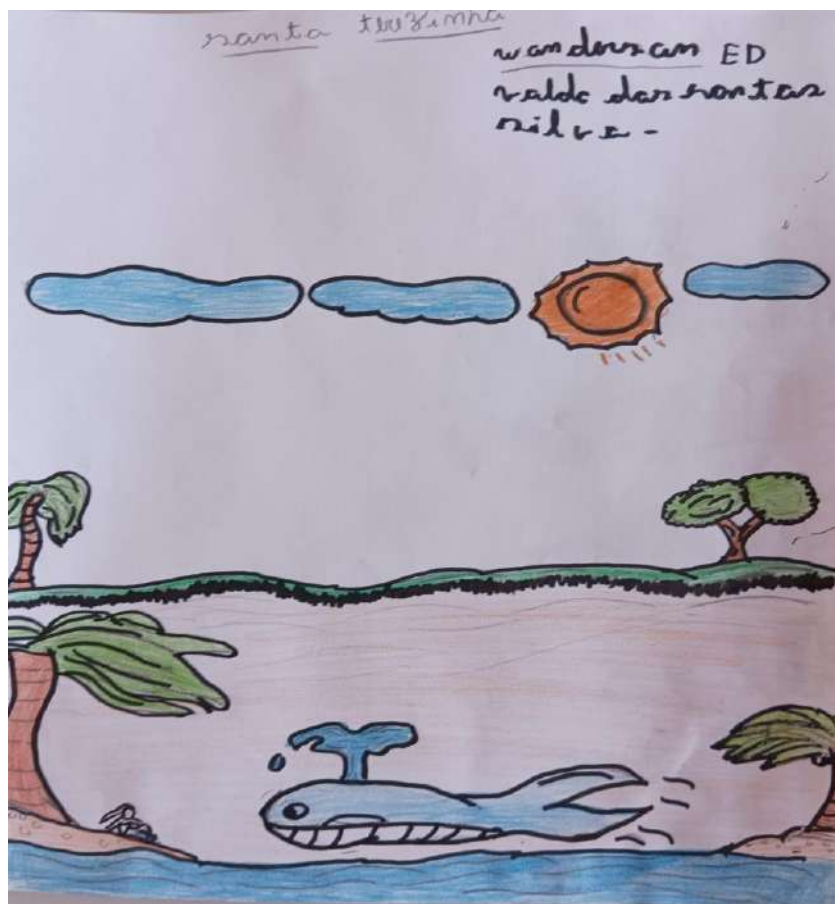
É pra brincar na areia

Oh saia a baleia, das ondas do mar

É pra brincar na areia

Reiá- á - rá - Reiá - rá

Reiá- á - rá - Reiá - rá



Mãe d'Água

Oh mãe, D'gua seu cabelo é loiro

Oh mãe, D'gua seu cabelo é loiro

Reiá - á - rá - Reiá - rá

E a morada dela é o salão de ouro

E a morada dela é o salão de ouro



Caboco Índio

Bis} Estava sentada
Na pedra fina
O rei dos índios
Mandou me chamar

Bis} Sou eu caboco índio
Caboco índio
Do jurema
Rei - a - reia - a - ná

Todo Caboco tem ciência

Todo caboco tem ciência
Todo caboco tem ciência

Oh meu Deus o que será
Oh meu Deus o que será

Tem a ciência divina
Tem a ciência divina

No tronco do juremá
No tronco do juremá

Reiá, Reiá na reiá -na
Reiá, Reiá na Reiá -na

Urubu

Urubu de Serra Negra
De velho caiu as penas
De tanto comer mangaba verde
Na baixa da jurema

O lê Cuan
Na baixa da jurema
Na baixa da jurema

Reiá - rá - Reiá - ná - Reiá - rá



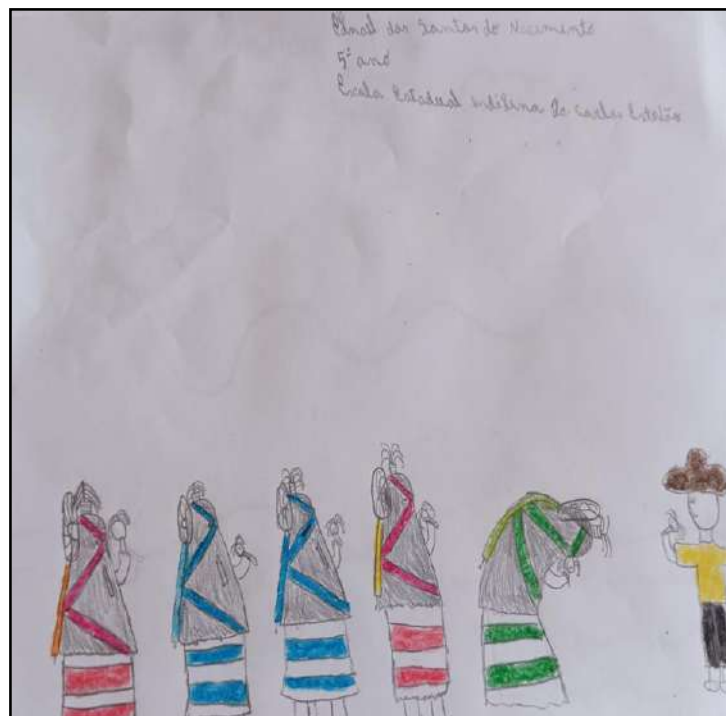
Jesus meu Deus

Ai, ai Jesus meu Deus
Ai, ai Jesus meu Deus
Venho cansado
Venho louvando

Ai, ai Jesus meu Deus
Ai, ai Jesus meu Deus
Venho pedindo
Venho rogando

Ai, ai Jesus meu Deus
Ai, ai Jesus meu Deus
Venho benzendo
Venho curando

Ai, ai Jesus meu Deus
Ai, ai Jesus meu Deus
Reiá - a - rei - rei - a - na



Me der licença

Me der licença
Meu capitão
Pra eu dançar
No terreiro dos praiás

Reiá - ná - rá - rá
Reiá - ná - rá - rá

Viva o cacique
Viva o pajé
Viva o capitão Dandaruré

Reiá - ná - rá - rá
Reiá - ná - rá - rá



Meu Maracazinho

Meu maracazinho
Derramou as sementes
Meu maracazinho
Derramou as sementes

Reiá - Reiá - na - Reia - a - rá
Oh, mãe de Deus
Rogai por nós.
Oh, mãe de Deus
Rogai por nós.

Oh, mãe de Deus
Oh, mãe de Deus
Tão poderosas

Meu maracazinho
Derramou as sementes
Canta, cana brava
Que rogava
Por a gente

Reiá - Reiá - na - Reia - a - rá
Reiá - Reiá - na - Reia - a - rá

Alto do tempo

Subi no alto do tempo

Só pra ver

A fundura do mar

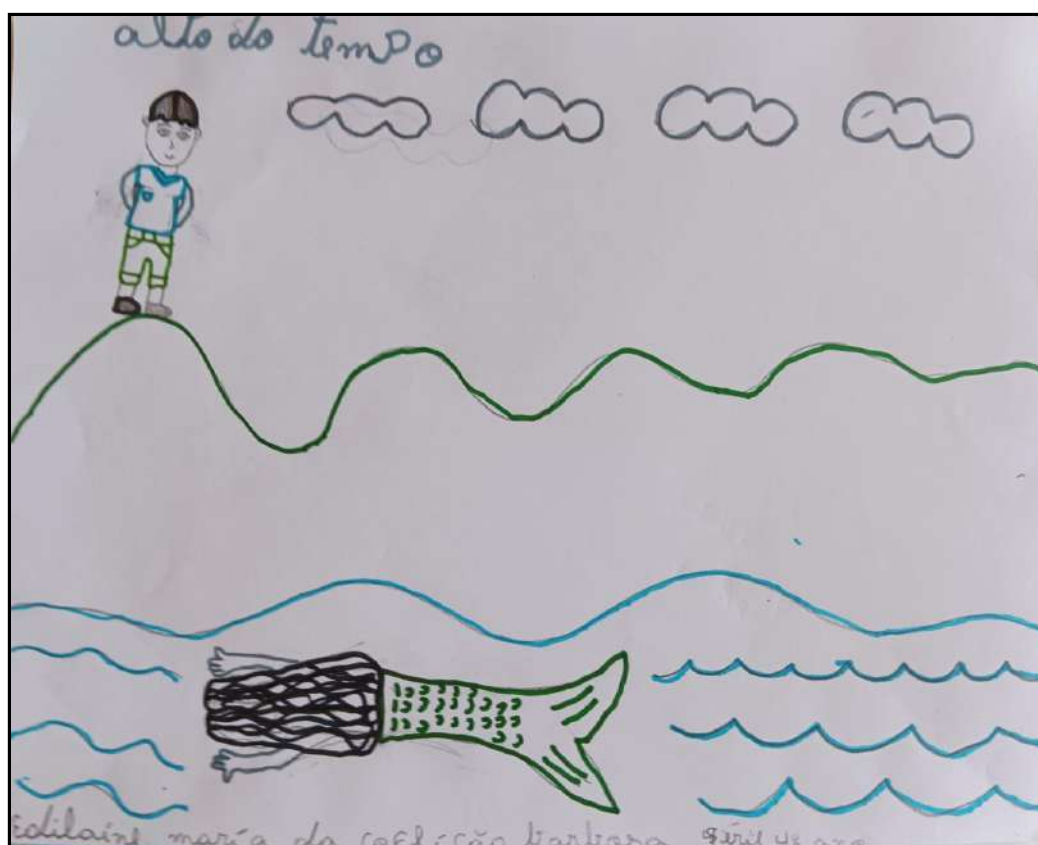
Reiá - Reiá - na - Reia - a - rá

Oh, canta homem

Oh, canta mulher

E a sereia no fundo do mar

Reiá - ná - Reiá - na - Reia - a - rá



Meu Canarinho

Vem meu canarinho
Vem meu beija flor
Nós vinhemos visitar
Os pés de nosso Senhor
Reiá - ná - Reiá - ná



Margem do rio

Eu fui buscar prata
Na margem do rio
E quem é que me aparece
É Senhor Santo Antônio

Meu periquitinho de maracanã
Meu periquitinho de maracanã

Qual é o pássaro
Que avoa
E o beija fulôr
Reia - na - Reia - rá - Reia



Fonte Grande

Cantador mora lá
Em Fonte Grande
Cantador é de lá
De Fonte Grande

Cantado vem de lá
De Fonte Grande

Reiá - Reiá - na - rá
Reiá - Reiá - na - rá

Menino do Rancho

Um dos elementos importantes para a afirmação da identidade étnica Pankararu é o ritual do Menino do Rancho.

É uma ciência muito valiosa que carrega epistemologias muito fortes em nossas vivências e experiências. O Menino do Rancho é um ritual de muita responsabilidade, pois caso aconteça alguma quebra das regras o castigo é imperdoável e o ritual é refeito. Das situações que conhecemos o significado do Menino do Rancho é por uma cura concedida por mestres dos Encantados.

Um menino vivia doente e cada vez que era levado para os hospitais, piorava. Ao levá-lo para o salão dos encantados, foram avisados que o menino veio ao mundo com o dom determinado, devido a essa missão ele estava perseguido pelo mal. Neste sentido os pais entregam o filho a um dos mestres do seu maior agrado que passa a ser o “dono” do menino para sempre, defendendo-o dos malignos. Prometê-lo botar no rancho é uma forma de reconhecimento da cura concedida.

Essa prática tradicional pode ser vivenciada em qualquer tempo do ano. Existe uma forte comunicação e obrigações reservadas para o menino, a noiva e as madrinhas que podem ser determinadas pelos Encantados, às escolhas conforme o agrado dos praiás, essa festa tem uma forte ligação com a religião na formação de uma nova família.

Normalmente tudo começa na noite do sábado ao clarão de uma fogueira, caso não seja noite de luar. É dançando a noite toda e na manhã do domingo, o batalhão é guiado pelo capitão, o “dono” do menino que está simbolizado no praiá. O “dono” do menino é sempre identificado com uma bonita flecha feita do pendão da cana brava, toda enfeitada com papéis de seda coloridas indicando que esse praiá é o dono do menino foi ele quem o curou e por tanto sai bem na frente puxando aquele grandioso cordão.

Primeiro vão buscar o menino, o cantador dar início cantando o toante do capitão dono da tradição, que dança também como o cabeceiro do cordão fazendo a obrigação por todo o terreiro, junto ao mestre traseiro, outro praiá que tem a missão de ir fechando as entradas para que nada de mal aconteça, este também carrega uma flecha. O menino também se identifica com uma outra flecha com vestes próprias do reconhecimento: O short só pode ser vermelho com duas cintas cruzadas pelo corpo toda vermelha, enfeitadas com listras brancas, levando em seu pescoço uma tora de fumo de aproximadamente um metro de comprimento que no final da festa será dividido com todos

os praiás que marcaram presença. Usa também um chapéu feito de palha amarela do pé do licurizeiro.

Na casa do menino é aquela satisfação, com a tinta do tauá branco o detentor pinta todos os participantes, menino, noiva, madrinha e o batalhão dos padrinhos. Os praiás dançam as (3) três rodas, fazendo também a pareia, dança formada por duplas de praiás sendo acompanhada pela noiva do menino e as madrinhas em um dos lados. É de obrigação ser servido na casa do menino a buchada de carneiro e miúdos do boi acompanhado da garapa da cana-de-açúcar ou rapadura, primeiro para o batalhão dos praiás e padrinhos e após para os demais, sendo acompanhados com três rodadas do toré, permitindo ser dançado por todos, até mesmo, visitantes que queiram participar.

Assim todos seguem para a casa da noiva e depois para as casas das duas madrinhas, onde é despachado também a garapa, seguida das três rodas com as páreas e os três torés. Sendo cumprida essa parte das obrigações, todos seguem o batalhão da Força Encantada em direção ao determinado terreiro.

A chegada no terreiro principal da tradição é muito forte. A emoção é puxada pelo cantador acompanhado do “dono” do menino, a noiva, madrinhas, padrinhos e o batalhão dos praiás. Os detentores do conhecimento seguram com muita fé o Kampiô do chefe (dono do menino) com sua mão direita, muitos ficam em volta do terreiro prestando muita atenção em tamanha beleza e sabedoria ao som dos lindos e significantes toantes que são puxados os cordões pelo cabeceiro, também pela noiva e as duas madrinhas.

Ainda tem a hora do Bate Gancho, feito no meio do cordão por um padrinho e um praiá que dançam com um gancho de madeira na mão e dependendo da sua agilidade pode acontecer de levar um o padrinho ao chão através de uma rasteira dada pelo praiá puxando com o gancho a perna do padrinho.

Quando é chegada a hora do “de comer” o cantador anuncia através do toante, onde o dono dança puxando o cordão até formar as três rodas para a entrega dos pratos com pirão de carneiro ou carne de boi, sendo o “tacho” o primeiro prato a ser entregue, que é dedicado em nome de todos encantados e em seguida pelos demais praiás e padrinhos que ao receber o “de comer” realizam uma volta no terreiro e seguem para o “poró” - reserva sagrada, somente os praiás e os padrinhos podem tomar ciência. Dando continuidade é chegada a hora das três grandiosas rodas, com a gaita do cabeceiro se inicia a carreira. A correria é a hora da disputa, os praiás tentam pegar o menino podendo arrancar do seu corpo o chapéu, a cinta ou o fumo. Só assim pode valer.

O menino fica sempre guiado por um determinado padrinho e protegido pelos demais padrinhos que o levam para o “Rancho”, espaço sem cobertura feito de madeira

pau grosso, vara e palha de coqueiro na parte nascente do terreiro propriamente da obrigação, para correr da serra adentro, subir nas grandes árvores ou correr no meio do próprio terreiro. Só o capitão dono do menino tem o poder de buscá-lo interrompendo a disputa e passar no meio de todos sem os praiás poderem tocá-lo. Assim continua durante o canto do toante e o grito do cabeceiro nas rodadas do terreiro até ele ser pego por um dos praiás que festeja sua vitória pelo meio do terreiro e caso não seja pego o dono faz a ordenança para a entrega do menino.

Dessa forma a vitória é concedida aos padrinhos. Assim se cumpre a tradição com as danças das três rodas, cruzado com flechas para fechar o corpo do menino, e abençoá-lo e fazer a entrega dele para os pais. Prossegue-se dançando mais três rodas para entrega da noiva aos seus pais e em seguida as madrinhas. Essa obrigação se faz cumprir com a dança dos três torés, momento em que todos os presentes podem entrar no meio do terreiro e pisar com força e fé o toré. Dependendo da necessidade dos pais, ainda no domingo na parte da noite o menino é levado para a mesa do ajucá no salão do capitão. Uma parte também essencial que fortalece o reconhecimento do nosso mundo encantado.

Menino do Rancho – Território Indígena Pankararu



Fonte: Maria Patrícia dos Santos, 2021.



Fonte: Maria Patrícia dos Santos, 2021.

As três rodas

As três rodas é uma tradição muito valiosa em nossa nação. Este ritual acontece com muita frequência durante o ano, pode ser realizado no início, meio ou fim de semana dependendo das ordenanças do dono da promessa.

Este ritual pode ser realizado tanto por pessoas do sexo masculino e feminino, quando crianças ou já adultas. Para viver esse reconhecimento depende muito do prometimento, pode ser por uma vitória alcançada ou por uma boa vontade de saudar e agradecer aos Encantados.

Os praiás dançam as Três Rodas fazendo aquela pareia em dupla que pode ser acompanhada nos dois lados por mulheres que dançam com os praiás fazendo aquelas rodas tão bonitas, acompanhado dos sons dos toantes e maracás. Esta festa/tradição se cumpre com as três rodas no terreiro com o dono da promessa e os três toré que podem ser dançados por todos os presentes.

Três Rodas: Dança da pareia – Território Indígena Pankararu



Fonte: Miguel Antonio da Silva, 2021.

As corridas do imbu

As corridas do imbu são uma ciência que marca muito forte a cosmologia do Povo Pankararu. Essa ciência só pode acontecer uma única vez a cada ano. Tudo se inicia bem no final do ano, no tempo de imbuzeiros estarem bem carregados de imbus. O Pankararu que achar o primeiro imbu maduro caído no chão, não poderá chupá-lo, deve levá-lo para o terreiro do poente. Se o primeiro imbu maduro caído for chupado acontece algo muito grave com a referida pessoa.

Os Pankararu respeitam esses valores com muita fé e temor aos mestres encantados. Quando o primeiro imbu maduro é achado, é comunicado a chegada da hora do "Fechamento do Imbu". Logo na manhã do fechamento do imbu os toques das gaitas anunciam e todos seguem para o terreiro do poente onde todos se organizam aos cantos dos toantes, aos sons dos maracás, aos toques das gaitas e do rabo de tatu, elementos que caracterizam a tradição das "Corridas do Imbu".

O Batalhão dos Praiás¹⁰ segue à frente guiando o povo para o terreiro do muricizeiro, espaço sagrado que faz parte da tradição. Assim, homens e praiás se preparam carregados de arcos e flechas para ser flechado o primeiro imbu maduro que já se apresenta pendurado entre duas forquilhas no meio do terreiro. Logo que se cumpre esta obrigação, já no finalzinho do dia, a guardiã (mulher mais velha) se aproxima entregando uma ponta do imenso cipó ao povo do lado do Nascente e a outra ponta ao povo do lado do Poente. É um momento de firmeza, energia e concentração onde o cipó é movido pela força e fé do povo que compõem cada ponto do terreiro. Neste contexto, o cipó pode subir para o Nascente ou descer para o Poente.

Quando o cipó desce de cabeça para o Poente os olhares do povo brilham de alegria pela certeza de um ano bom, com chuvas e muita fartura, mas quando o cipó sobe de cabeça para o Nascente representa um ano castigado pela seca, doenças e mortes. Essa é a ciência do tempo que expressa um ano bom ou ruim. Assim se cumpre a primeira parte das corridas do imbu. O cumprimento desta obrigação acontece no domingo de carnaval, contemplando os quatro finais de semanas, sendo cinco sábados e quatro domingos. O 1º sábado é determinado somente para as escolhas das moças que terão a obrigação de botar os cestos nos terreiros e dançar as Pombas durante os quatro

¹⁰ Uma veste feita de caroá movido pelo moço que também é determinado pelo chefe encantado sendo preservada sua identidade como uma parte do segredo da ciência que as mulheres não podem saber exceto as geladeiras do mestre.

sábados seguidos da Queima do Cansanção, durante os três domingos. Essa tradição é uma viagem no tempo dando continuidade à sabedoria dos antepassados.

É um encontro do Povo Pankararu formando uma forte corrente no momento de união, coletividade, respeito e aprendizagem. No terreiro do poente da aldeia Brejo dos Padres do terreiro Pankararu, durante os quatro sábados, na calada das noites, ao clarão do luar e diante de uma fogueira, crianças, homens e mulheres obedecem e se entregam ao chamado do cantar da cantadora. E o pisar firme dos praiás vadiando por todo terreiro seguido de cada toante. Depois da meia-noite e a lua já nas alturas, toques de gaitas anunciam que a hora foi determinada e a grande sábia, a única cantadeira, detentora desse conhecimento (Senhora Eurides) pisa no terreiro cumprindo a sua missão tradicional. Essa é uma das regras da referida ciência. Só os encantados podem comunicar o tempo de a referida detentora entregar a missão a próxima pessoa determinada por eles. Assim ela entra no terreiro com seu maracá na mão e os toantes na memória vão soando a cada passo, um a um a cada tempo conforme determinado, todos participantes vão fazendo cada forma.

A corrida do imbu é a parte da presença viva da cultura e a natureza. A natureza representada nos 25 animais através dos 25 passos cantados e dançados por cada moça seguida no cordão do batalhão dos encantados. Este é um momento dos passos das pombas ou das tubibas¹¹, parte que é sagrada das corridas do imbu. Essa é uma ciência inexplicável, dotada por uma única detentora hereditária, só ela sabe quando o tempo for chegando, só a ela foi dado o aviso e a ordenança de passar a obrigação. E, para nós, Pankararu, é o cumprimento de uma missão sagrada.

As pombas são dançadas sempre nas quatro noites de sábado, estende ao amanhecer - ao claro da barra do dia, nos cinco domingos as moças vão apanhar os imbus para botar nos cestos e levar para o terreiro da tradição. E, todos já organizados, crianças, homens e mulheres pintados com seus galhos de cansanção formam um batalhão e seguem para o terreiro Araticum. Chegando no terreiro do muricizeiro os cestos já em fileira são marcados com uma varinha pelo seu dono determinado.

Bem à tardinha o poente carregando o sol, a emoção embeleza toda autenticidade étnica. É uma força que encanta, toca e vibra o coração de cada ser. É o momento da queima do cansanção. Este ritual purifica o corpo e a alma. No último domingo não há a dança do cansanção.

11 Algumas palavras descritas pertencem a língua ancestral e compõem a ritualística Pankararu e não podem ser explicadas.

Antigamente o último domingo era denominado “As corridas dos mocós”. Isto é, só podia colocar dentro dos cestos a caça nativa existente em nosso território, por exemplo: o mocó, tatu, teiú, camaleão veado, nambu etc. Com a escassez das chuvas a fome aumentou e o nosso povo se valeu das caças que hoje muitas delas estão em fase de extinção e por esse motivo os elementos colocados nos cestos foram substituídos por frutas e produtos industrializados. Até hoje permanecem os imbus com mel para imbuzada, que é o alimento sagrado distribuído para todos que comparecem no terreiro do poente e nos demais terreiros tradicionais.

No último domingo das corridas, o povo sobe a serra para o grande ajuntamento, onde cada um se entrega nas mãos do grande mestre e a ciência nos encanta pelo som dos toantes, maracás, o anúncio das gaitas e o pisar dos pais encantados vibrando através dos praiás. Quando a lua já está no “ponto mais alto do “nosso universo” tudo silencia sobre as ordenanças das gaitas e dos maracás anunciando que é chegada a hora de receber o nosso pai encantado Mestre Guisa e de pé crianças e adultos rogam proteção e benção para o povo e a nação ao mestre que vem guiando o batalhão, benzendo e curando a nossa nação, atendendo o chamado na presença viva de poder, fé e união que fortalece a nossa Identidade Étnica. Nosso encontro com o mestre emociona o mundo cosmológico. Assim se cumpre a ciência das Corridas do Imbu.

Corrida do imbu – Território Indígena Pankararu



Fonte: Miguel Antonio da Silva, 2021.



Fonte: Miguel Antonio da Silva, 2021.

PARTE 2

SERRAS SAGRADAS PANKARARU: Experiências Educativas e Culturais nas Escolas Pankararu

Sequências didáticas

Tema: Serras, fontes e nascentes

Estratégias 1: paródia (Em cima daquela Serra)

Metodologia: aula virtual e vídeo aula.

Duração: 03 dias

Área de conhecimento: Português, ciências, matemática.

Objetivo geral: Proporcionar conhecimentos as crianças sobre as serras Pankararu para contribuir na preservação do nosso patrimônio natural.

Objetivos específicos: Conhecer a Serra de sua aldeia e compreender a importância da preservação do Ambiente.

Conteúdos: Vogais: conhecer e reconhecer as vogais: Meio ambiente (animais, plantas);

Meio físico e seus elementos (pequeno, médio, grande).

Roteiro da atividade: acolhida com saudação na língua materna Tupigê; apresentação do tema a partir da paródia “Em cima da serra”, da música Caixa do grupo Brincando com Papel, foi produzido vídeo aula pela professora Jackeceli Anjos e confecção atividade de impressa de leituras de imagens. Além de propor atividades de registro por meio de foto ou vídeo.

SAUDAÇÃO NA LÍNGUA MATERNA “KATU-ARÁ”



Paródia: Em cima da serra

Professora Jackeceli Anjos

O que será que tem em cima dessa serra?

O que tem lá em cima eu não sei, sei não!

O que tem lá em cima eu não sei, não!

Pra descobrir o que tem lá em cima, eu vou colocar a minha mão!

O que será, o que será que eu vou encontrar?



Fonte: Jackeceli Anjos, 2021

A partir da paródia Caixa do grupo Brincando com Papel, a professora construiu o material didático para a realização da atividade da seguinte forma: com imagens das serras, animais, plantas, grutas e nascentes, existentes nas serras da Aldeia Pankararu, ilustrou uma caixa de papelão e confeccionou cartas. A medida em que a professora canta a paródia, ela vai colocando a mão dentro da caixa e vai tirando uma carta de cada vez e fazendo perguntas, como por exemplo, que animal é esse? Vocês já ouviram falar? Qual a importância para nossa tradição? E, então a professora segue com os questionamentos sobre animais ou plantas, continuando a explicação sobre a importância de cada um desses elementos para a manutenção da subsistência física, espiritual e cultural, como reforço e valorização das nossas práticas culturais e ambientais: “O que será que tem em cima dessa serra? O que tem lá em cima, eu não sei não! O que tem lá em cima, eu não sei não! Para descobrir o que tem lá em cima, eu vou colocar a minha mão! O que será? O que vou encontrar? O que eu vou encontrar? É um, é dois e três. Oh... oh., oh, achei!”.

Literatura de Cordel: recurso didático

A Literatura de cordel é um recurso metodológico que promove o processo de ensino e aprendizagem. Para a temática em sala de aula foi utilizado o poema “A gruta Sagrada”, despertando nos estudantes o sentimento da importância de guardar os nossos conhecimentos sagrados na memória, no fortalecimento da oralidade, como ferramenta de luta, resistência e existência do povo. Compreendendo como forma de preservação da cultura e o pensamento do cuidado coletivo nos espaços sagrados, terreiros, caminhos, fontes, estradas, serras riachos, levando a refletir em várias hipóteses:

Poema: A Gruta Espaço Sagrada

Professoras autoras: Maria Lurdes, Aquecei Anjos, Fabiana Silva, Vaga Barros, Crisalide Oliveira, Danileia Santos, Cleide Maria, Maria Jessica, Jucilene Almeida, Maleie Santos.

Falo de uma história,
O Caboclo Anselmo quem contou
De uma linda moça
Que por um padre se apaixonou

Vieram fugidos do Piauí
Sofreram perseguição
Esconderam - se em uma grutaE lá veio
a extinção

O mistério dessa gruta
Seria um local sagrado?
Onde os ancestrais de AnselmoForam
enterrados?

Não satisfeito com o enredo,
Resolvi a pesquisar,
Então eu descobrir
O mistério envolvido naquele lugar

Encontrei ossos humanos,
Comecei a examinar
Percebi que era antigo
E que existiu outras pessoas naquele
lugar.

Era um ossuário
Era um ossuário
Ou uma espécie de cemitério? Ou um
lugar sagrado?
Guardado por Anselmo?

Então preste atenção no que vou te falar,
Se você é pankararu vai parar escutar
Aprenda a ser como Anselmo
Um homem com carácter de se espantar.

Soube ser guardião as nossas serras,
Com determinação e sabedoria
Protegendo nossas histórias
Para ser contada um dia.

O serrote e a gruta, Ou a serra do padre
Está localizado, em Pankararu
Nosso território sagrado.

Querem entender mais,
É só pedir permissão para os guardiões
Da nossa cultura e da nossa nação.

Serra da Leonor – história em quadrinho

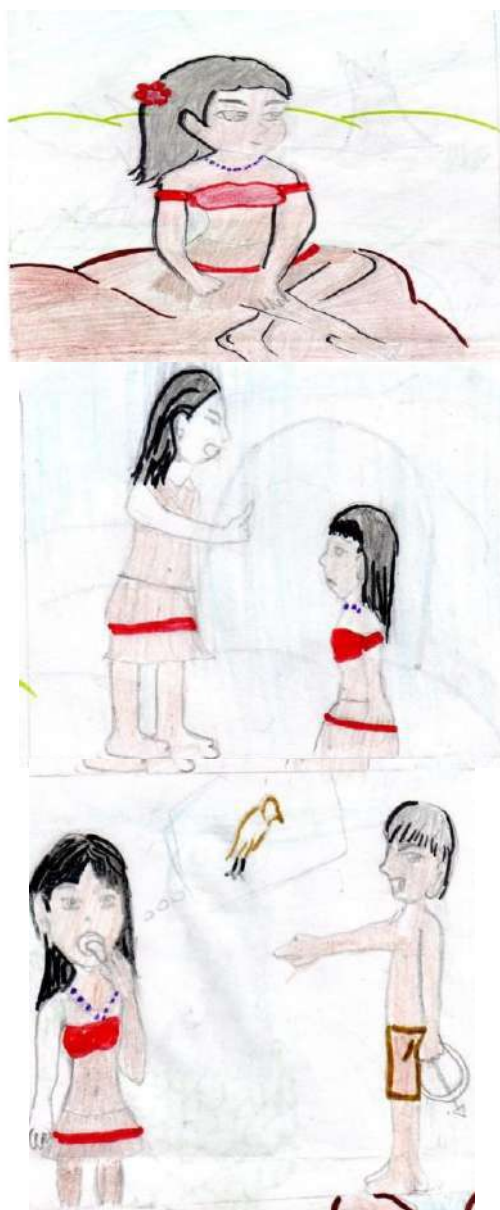
A metodologia de contação de histórias e a produção de desenhos foi uma estratégia escolhida para melhor compreensão da identidade étnica pelo(as) estudantes, através de desenhos em quadrinhos recontando a história de uma forma mais lúdica e jogos educativos.

História em quadrinho – Memórias sobre a Serra da Leonor.

Professora: Jucilene Almeida;

Desenho: Aluna Vitoria Aline

Há uma História da Serra da Leonor. Contam que lá uma índia se encantou, por desobedecer a seus pais. Na loca de uma pedra ela ficou. E, até hoje mora lá. O tempo todo a gritar: espere-me, espere-me, espere-me. Que eu também vou, espere-me. Eu sou a Leonor.





Vivência e experiência em situação didática

Professoras: Fernanda F. Pinheiro, Ithala Marilha dos Santos,
Maria Juliana dos Santos, Maria de Lourdes dos Santos.

Tema: Serras, Grutas e Nascentes.

Objetivo: Valorizar as nascentes e serras como patrimônio material, imaterial e cultural através da história e paisagismo para a garantia da preservação dos animais e das nossas riquezas naturais.

Modalidade: Educação Infantil

Tempo estimado: 3 semanas

1º Momento

Oralidade

Cantando a música infantil (lavadeira)

Explorar a importância da água fonte de sobrevivência: para que serve? Escovar os dentes, tomar banho, lavar as mãos etc.;

Atividade remota: atividade 1 - atividade com paisagens para os alunos identificarem uma nascente e ligar os pontos solicitados; atividade 2 - Foi solicitado a degustação da água e suas misturas, usando sucos de vários sabores, trabalhando as cores primárias.

2º Momento

Vídeo aula – atividade remota. As professoras produziram um vídeo com a exposição de imagens das Nascentes e Serras Pankararu, para os alunos observarem e apreciarem o Ambiente e suas belezas.

Atividade proposta impressa contendo os conteúdos e solicitando que os alunos façam ligação entre os pontos;

3º momento

História ilustrada na cortina sobre a serra local do morcego.

Atividade proposta: Jogo (roleta)

4º momento

Atividade: Leitura de imagens: tapete numérico, com imagens de nascente, serras e animais que vivem no espaço.

Jogo: leitura de imagem com os números de 1 a 5, relacionando a quantidade de sapos existente na fonte, as cores e noção de grandezas.

Atividade impressas, relacionar números e quantidade.

5º momento

Avaliação: observação, interação, participação.

Socialização: Exposição dos trabalhos na escola.

Sequência Didática: Mãe-natureza, serras, grutas e nascentes: preservação para as futuras gerações.

Professora Fabiana Maria da Silva

Modalidade: 2º Ano do Ensino Fundamental I

Interdisciplinar: Português, Ciências, Geografia, Matemática, História e Arte Indígena.

Objetivos: Compreender e refletir sobre a importância da Mãe-natureza para nós, indígenas Pankararu, envolvendo as aprendizagens relacionadas a atitudes, conceitos e procedimentos para o reconhecimento e o respeito pelas serras, grutas, nascentes, cachoeiras e riachos, e suas histórias. Também serão realizadas produções de textos, desenhos, poemas, com atividades de leituras, interpretações de textos, identificação de vogais e consoantes, classificação de palavras e sílabas.

Procedimentos metodológicos:

1º momento

Explanação oral sobre o tema que será abordado e das atividades que serão realizadas.

Apresentar aos alunos o livro “Meu Povo Conta” e fazer a leitura da história “Serra Grande”, pag. 72, 74 e 75. Citações de outras histórias, como a Serra da Leonor e a Porta do Palácio Encantado. Após a leitura, fazer uma interpretação oral e recontação da história pelos alunos.

2º momento

Ilustração da história e exposição em um painel no pátio da escola.

Materiais necessários: folhas de ofício, lápis grafite, lápis de cor e cartolina.

3º momento

Realização da atividade descrita abaixo:

1. Identificar corretamente a quantidade de vogais e consoantes de cada palavra retirada da história, siga o modelo:

PALAVRAS	QUANTIDADE DE VOGAIS	VOGAIS	QUANTIDADE DE CONSOANTES	CONSOANTES
Serra	2	E, A	3	S,R,R
Pedra				
Verdade				
Índio				
Cabeça				
Mestre				
Toré				
Alho				
Encantados				
Assobiador				
Furna				
Cruzeiro				
Caçador				

2. Separe as sílabas das palavras a seguir.

- a) Lado
- b) Rosto
- c) Gavião
- d) Cachorro
- e) Trabalhando
- f) Castanha
- g) Despreparados

4º momento

Solicitar a cada aluno(a) a partir de suas casas façam observações da paisagem e anatem sobre o que observaram.

- a) Dia e hora: _____
- b) Como estava o clima? _____
- c) Tinha pessoas na paisagem? O que estavam fazendo? _____

- d) Na paisagem tinha plantas e animais? Quais? _____

- e) Na paisagem tinha lixo? Que tipo de lixo? _____

- f) Tente desenhar a paisagem que você observou.



5º momento

Explanação oral sobre a história do nome Aldeia Caldeirão e a existência da cachoeira na Serra do Caldeirão. Exposição de imagens fotográficas da cachoeira e solicitar aos alunos observarem e descrevam oralmente sobre os temas abordados.

6º momento

LEITURA DO POEMA “A CACHOEIRA DO CALDEIRÃO”

Professora Fabiana Maria da Silva

A cachoeira do caldeirão
É bonita de se ver
E quando é tempo de chuva
E corre água pra valer

Na subida da serra
O hino se faz presente
Os passarinhos cantam
Para alegar nossa gente

Pedacinho do universo
De encanto e beleza
Temos aqui na aldeia
E dizemos com certeza

O cenário é natural
De beleza sem igual
A sombra do imbuzeiro
Que sensacional.

Tudo que Deus criou é bom
Então devemos preservar
Com carinho e amor
Da mão natureza zelar

Essência do ser índio pancararu
Está na pureza natural
Não desanima, vai à luta
É guerreiro no combate espiritual.

7º momento

Explicação sobre a estrutura do poema, frases estrofes e rimas.

Atividade: interpretação escrita do poema, a cachoeira do caldeirão, descrita abaixo:

- a) O texto a cachoeira do cadeirão é:
() brilhante () poema () lenda
- b) Complete a estrofe com as palavras que estão faltando.
Tudo que deus criou é _____
Então devemos _____
Com carinho e _____
- c) Como devemos zelar da Mãe-natureza? _____

- d) Quantas frases tem o poema?

- e) Quantas estrofes tem o poema?

- f) Escreva as palavras que estão rimando no texto.

8º momento

Jogo – trilha ecológica.

Regras: Para chegar na cachoeira da Aldeia Caldeirão os alunos terão que enfrentar desafios. Quem conseguir ultrapassar os desafios relacionados às atividades ecológicas com a Mãe- natureza e chegar em primeiro lugar, vence o jogo.

Material: dados, sementes ou tampinhas e folhas de ofícios.

Avaliação: realização e participação das atividades propostas.

Produto: portfólio ou culminância

Conteúdo: Meio ambiente: fauna e flora

Objetivo: Conhecer os animais e plantas na serra de nossa comunidade.

Metodologia em vídeo aula: Saudação de bom dia na língua materna Tupigê;
Apresentação do poema “Serra”; Roleta “ Em cima daquela serra; Leitura de imagens;
Pintura com tinta guache; Perguntas orais.

Poema: Serra

Moro num lugar,
Com beleza espetacular!
Rodeados por serras,
Que nada nos deixa faltar...
Tudo obra da natureza, isso posso afirmar!
Sou Pankararu e não nego meu naturá!

Conteúdo: Noção de medida: pequena, média e grande;

Objetivo: Conhecer os diferentes tamanhos de animais e plantas do nosso cotidiano.

Metodologia: acolhida com saudação na língua materna Tupigê, realizada a oração “Santo Anjo” e o Toré “Meu Maracazinho”; explicação do conteúdo com materiais concretos; coletas de imagens de diferentes tamanhos e colocar em grupos de tamanhos equivalentes; Atividade impressa.

Apresentação do conteúdo com explicações sobre a importância de preservar nossas serras; Musicalização; Registro com fotos sobre o conteúdo; Apresentação de imagens e objetos, explicando o significado e importância de cada uma para nossa cultura.

Tatu ou Peba: animais pertencentes a nossa fauna. Especificamente na Corrida do Imbu é usado o rabo do Tatu como instrumento de sopro, fazendo parte da nossa religião.



Preá ou Mocó: Animal da nossa fauna, usado na alimentação e nos rituais Pankararu.



Vassoura e bolsa de palha: Elementos produzido na comunidade com a palha da planta Licurizeiro. São usados no cotidiano e também são vendidos.



Murici: Fruta típica do Bioma Cerrado e em abundância nas áreas serranas do nosso Território. É usada na alimentação Pankararu e em atividade comercial.



Sequência Didática 3

Tema: Calendário agrícola Pankararu: as serras subsistência física e sustentabilidade espiritual e cultural

Conteúdos: rochas, relevo, clima, altitude. Território: fauna e flora. Terreiros Sagrados: Imbu ou imbuzeiro, Cipó, Caroá, Jurema, Barro Branco.

Objetivo Geral: compreender e reconhecer o espaço territorial, a relação entre os indígenas Pankararu e o Ambiente natural.

Estratégia	Metodologia
Pesquisa	Questionamento orais, escritos e entrevistas
Relatório	Registros escritos
Aula campo	Observação do espaço e identificação dos elementos naturais que compõe a corrida do imbu
Trabalho em grupo	Explanação oral, divisão de grupos
Avaliação	Realização das atividades propostas, socialização/ seminários, seleção dos conteúdos para dar continuidade em sala de aula, entrega de relatório.

1. Identificar as terras;
2. Conhecer as serras;
3. Identificar e conhecer as serras e suas especificidades;
4. Conhecer as relações sociais, econômicas e espiritual do povo com as serras e suas especificidades.

Calendário agrícola confeccionado em vasilha de cerâmica



Sequência didática 4

Tema: Serrotes, Nascentes e Lajeiros da Aldeia Carrapateira

Pesquisa de campo

Lajeiro do Lucas

Professoras: Crisleide Oliveira e Claudileide Nascimento

Realizamos a pesquisa de campo sobre o Lajeiro do Lucas, localizado na Aldeia Carrapateira. Em visita ao local registramos através de fotografias as belezas naturais. Depois realizamos entrevistas com indígenas.

Em entrevista com o Senhor Manoel João do Nascimento, afirmou morar na aldeia há muitos anos. Em relação a idade disse ter aproximadamente 55 anos. Sobre a história dos lajeiros destacou que é conhecido como Lajeiro do Lucas por causa do morador da roça. Ressaltamos que um lajeiro possui o formato e a função de uma pia, acumulando água nos buracos de pedra, ou seja, uma bacia natural.

Em relação as práticas socioambientais no Lajeiro do Lucas, segundo o Senhor Manoel do Nascimento, os indígenas da Aldeia Brejo dos Padres, no passado deslocavam em períodos de plantios, construíam alojamentos ou dormiam em cima dos lajeiros (pedras). Citou alguns indígenas que costumavam fazer roças, João Lelé e Rosa de Gina. Utilizavam as águas para cozinhar, banhos, lavagem de roupas etc. A comunidade economizava e cuidava das águas armazenadas nos lajeiros, cobriam com lonas e madeiras para manter limpas. Ressaltou o local muito disputados por posseiros, colocavam veneno na água para expulsão dos indígenas, mas os indígenas “foram mais fortes, resistentes e mantiveram a posse do espaço”. Evidenciou que, antigamente em períodos de chuvas, muitos moradores da Carrapateira, usavam o Lajeiro para lavagem de roupas, banhos e em volta dos lajeiros existiam muitos pés de imbuzeiros saborosos e todos catavam imbus. Finalizou afirmando: “Um lugar tão bonito, que foi útil pra muitos índios no passado, com muitas utilidades e histórias, hoje serve de moradias para os animais”.

NASCENTE DE AGENOR (CACIMBA)

Segunda a entrevistada, Josilene Monteiro da Silva, a nascente ou cacimba como alguns a chamava, ficava localizada na roça de Agenor Prazeres, na Aldeia Carrapateira. Uma pequena fonte, um buraco com um formato arredondado, cercado por muitas plantas frutíferas: cana, bananeiras, mangueiras, cajueiros e outras. Mas, as plantas próximas a nascente eram canas e bananeiras que até escondia a fonte (cobria).

A água que jorrava da nascente era um pouco salobra e cristalina. Mas, o local era muito escasso de água e a população da aldeia usavam a água para beber, cozinhar, lavar pratos e roupas. No Lajeiro tomavam banho, contando e ouvindo histórias. É descrito como um lugar tranquilo, com ar puro, que transmitia sensação de liberdade, florescia energias positivas e alegrias.

Há uma história que na fonte tinha uma enorme “gia”, com olhos grandes e redondos e com duas listas amarela sobre a pele. A “gia” era dona da nascente, depois que a mataram, a fonte secou. Com o passar dos anos por descuido, por não precisar mais da água de lá ou pela ciência da “Gia” a fonte secou. E aquela roça com muitos pés de frutas e uma fonte encantada não existe mais. O que existe é uma área desmatada. A nascente ficou nas memórias das pessoas que tiveram o privilégio de conhecer, de viver momentos ali, de sentir a natureza naquele espaço.

Sequência didática

Turmas: 2º, 3º e 4º Ano

Disciplinas: português, artes, geografia, história e matemática.

Conteúdos: Gênero textual – poema, leitura e compreensão, produção escrita, Ortografia – r ou rr; A origem dos espaços, pontos cardeais, localização e orientação do lajeiro e nascente. A vegetação, a qualidade da água, as rochas etc. Memórias e histórias Pankararu. Medida de comprimento (quilometro, léguas) e produção de croquis dos espaços

Números naturais na língua materna Pankararu



NÚMEROS NATURAIS DE 1 A 10, NA LÍNGUA MATERNA TUPI. JOGO DAS CASTANHAS		
10	KINU I-RA	○○○○○ ○○○○○
9	RÉKAI KAÉKA I-RA	○○○○○ ○○○○○
8	CUMU KAÉKA I-RA	○○○○○ ○○○○○
7	DUNI KAÉKA I-RA	○○○○○ ○○○○○
6	CENÉ KAÉKA I-RA	○○○ ○○○
5	TÔERA	○○○○○
4	RÉKAI	○○○○○
3	CUMU	○○○
2	DÚNI	○○
1	CENÉ	○

Nome de animais na língua materna Pankararu



Números naturais: de 0 a 5.



Alfabeto com imagens ilustrativas



Trilha Serra Grande

A trilha pode ser desenhada em cartolina, numa cortina de tecido ou construído um cenário do local. O tema da trilha que escolhemos foram as serras. As cartas são confeccionadas com informações relacionadas aos conhecimentos e cuidados com as Serras.

Para iniciar o jogo retira-se cartas e vai trilhando os caminhos. O vencedor é quem primeiro completar a trilha. Exemplos de cartas:

- a) Ana e Maria foram a Serra Grande buscar palha para fazer a vassoura. Chegando lá, Ana falou para Maria que não podia tirar a palha madura, pois o pé do Licurizeiro morreria. Avance duas casas;
- b) Erick foi fazer um passeio com seus primos na Serra Grande, interessados em conhecer a Cara do Índio, pedra esculpida pela natureza. Antes de ir, o seu pai orientou ao entrar na serra, precisam pedir permissão aos encantados que moram lá. Sabendo disso, avance três casas.
- c) Uma turma de moças e rapazes foram fazer uma trilha na Serras Grande. E, lá se depararam com um ninho de gavião, um dos rapazes pegaram o ninho e jogou os ovos fora. Logo ele começou a passar mal, então a turma resolveu voltar. Levaram o rapaz no rezador, falando que não deveria ter pegado o ninho, pois ali estava a ciência do Encantado. Por teimosia, volte três casas.
- d) Na Serra Grande existem muitas plantas de Muricizeiros. Algumas famílias catam a fruta Murici e vendem. Edilene contou a experiência que passou junto com o esposo: limparam embaixo do pé de Murici, depois colocaram uma lona para as frutas caírem e facilitar o trabalho de catar. Mas, foram surpreendidos, pois naquela noite não caiu nenhum murici. Então, entenderam como um mistério. E nunca mais colocaram a lona embaixo das plantas, catado as frutas de murici da forma tradicional. Por desafiar a natureza, volte uma casa.
- e) Fausto gostava muito de caçar na Serra Grande, forma de sustento para sua família. Mas antes de ir para caçada, conversava com seu pai, pedindo para ficar atento ao assovio. Em seguida pegava seu campião¹², fumava e fazia seu pedido ao dono das matas, para apresentar a caça. Ao chegar na serra, quando o cachorro anunciava o buraco contendo a caça, assobiava para que

12 Cachimbo confeccionada em madeira, usado na ritualística Pankararu.

o pai fosse tirar a caça. Fausto entende a prática da caça com a finalidade de alimentação, pois as caças precisam ser preservadas. Avance duas casas.

- f) Fausto disse que na Serra Grande existem vários tipos de caças, como peba, tatu, teiú. Não devem caçar fêmeas e filhotes, por entender a importância da reprodução da espécie. Agora avance três casas.
- g) Andeson Cleomar, indígena Pankararu e músico. Compôs uma música com intenção de conscientização e preservação com os animais existentes na Serra Grande: “cobra, lagarto, peba e teiú, vivem em nossas matas juntos com tatu, a estrela da manhã traz o canto da coãn, que diz que vai chover quando o sol aparecer”. Agora que conhece a música avance duas casas.
- h) Andeson, seu irmão Alisson e primos, foram passear na Serra Grande. Quando chegaram na Serra, Andeson resolveu fazer um fogo para assar carne. Alisson o alertou, ao assar a carne deveria apagar o fogo, para não espalhar. Pois, poderia queimar a mata, os animais e a moradia dos Encantados. Avance quatro casas.
- i) Na Serra Grande existem várias pedras, mas a que me encanta é a pedra do vento, lá se consegue sentir a brisa suave bater na pele. Agora feche os olhos, imagine o vento batendo em seu rosto e pule duas casas.
- j) Ao subir a Serra Grande, ao chegar em cima vai encontrar uma planície com areia bem fininha com poucas pedras, muitas plantas nativas, Muricizeiro e Licurizeiro. Também há várias roças plantadas de mandioca. Existe uma casa de farinha de Sr. Joãozinho, Maria Morena e de Rosineide, onde os donos da roça fazem a farinha. Ao obter essa informação, pule três casas.



Sequência didática: Serra Grande

Professoras: Andrea Barros, Cleide Maria, Jacini Silva, Angela Barros

A Serra Grande é um lindo lugar, belo de se ver, de lá tiramos o sustento para nós sobreviver, o Licuri para colocar na tapioca no preparo do beiju. Das palhas do Licurizeiro fazemos a vassoura, o abano, o chapéu e a bolsa. Da Serra Grande também tiramos o Murici e fazemos o suco, a farofa para venda.

SEQUENCIA DIDATICA

Cleide

SABERES INDIGENAS NA ESCOLA

INSTITUTO FEDERAL Pernambuco

Tempo de duração: 5 dias
disciplinas a serem trabalhadas:
Língua Portuguesa: plantio
Ciências: Os pássaros, o clima, ar, vegetação
Geografia: vegetação, o solo
História: Antes e o depois, paisagem
Artes: matéria prima dos artesanatos

Objetivos:
Desenvolver a leitura e a oralidade;
identificar o clima predominante na serra grande;
analisar a vegetação existente na serra grande;
compreender a importância de preservar o ambiente natural da serra grande;
refletir sobre as histórias contadas pelos mais velhos;
identificar os artesanatos feitos da matéria prima retirada da serra grande.

Professores da Escola E.I.Pankararú: Andréa Zilma Barros, Ângela Barros, Cleide Maria de Souza, Edicarla Monteiro da Silva, Jacini Rosalini Barros Silva

Procedimentos metodológicos:

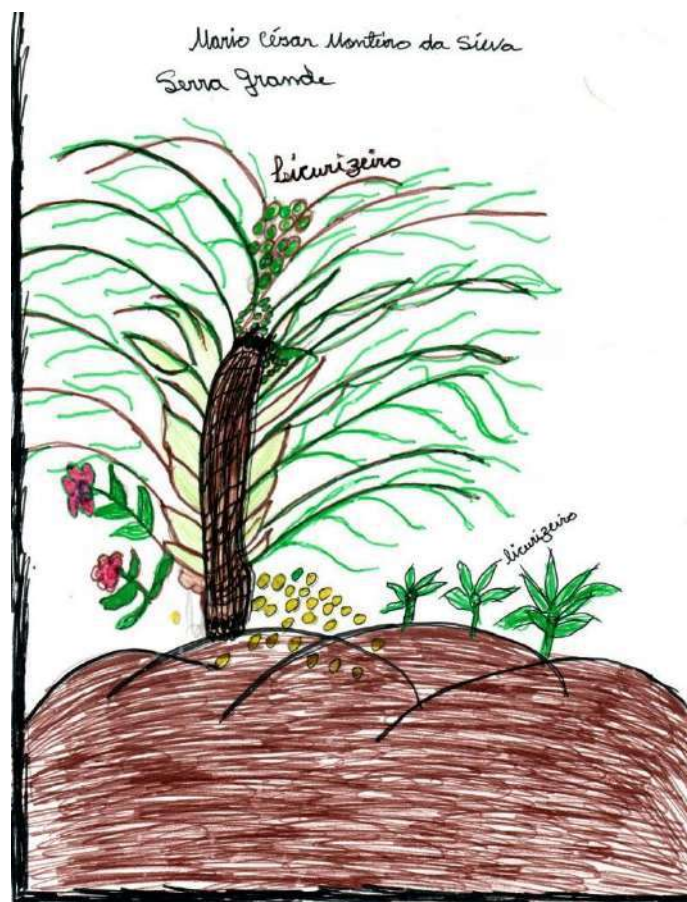
- ✓ Organização da sala.
- ✓ Apresentação do tema em forma de teatro, cordel, rimas, músicas (Gean Ramos), livros (meu povo conta), imagens, fotos.
- ✓ Histórias da serra grande.
- ✓ Biografia das pessoas emblemáticas-serra grande.
- ✓ Plantio: subsistência familiar.
- ✓ Interpretação oral e escrita de textos, imagens e vídeos.
- ✓ Localizar em desenhos a serra grande.
- ✓ Produções textuais.
- ✓ Ilustrações.
- ✓ Confeção de cartazes.
- ✓ Jogos de trilha, jogo de memória, caça palavra, ditado, quebra-cabeça.
- ✓ Confeção e exposição de artesanato.
- ✓ Desenho livre.
- ✓ Pintura com pincel.

Avaliação: participação no decorrer das atividades.

Desenhos de estudantes sobre a Serra Grande



Fonte: Taylla Geovana da Luz Barros, 2021.



Fonte: Mário César Monteiro da Silva, 2021.

O projeto finalizou com apresentação no seminário de socialização dos trabalhos realizados durante as oficinas com orientador(as) e cursistas.

Tema: Paisagismo

Professora Fabiana Maria da Silva

Jogo: classe de animal

Objetivo: identificar e classificar os animais estimulando a aprendizagem dos alunos.

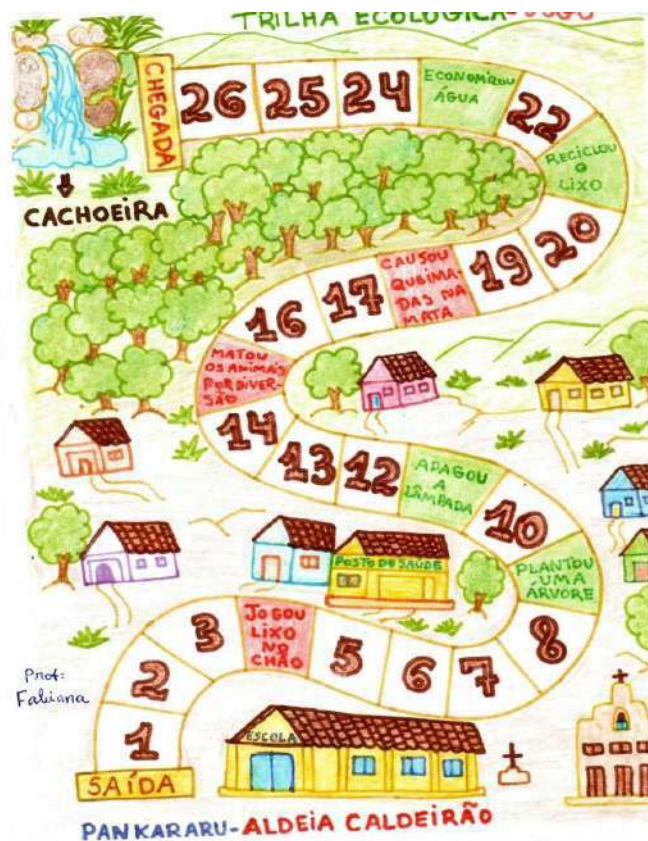
Confecção de caixas e cartas com desenhos de animais.

Regras: o professor deve conduzir o jogo de maneira clara e objetiva, de acordo com a quantidade de participantes.

Solicite que escolham um número. Por exemplo, um jogo com dez participantes deverá conter de 01 a 10. Quem tirar o número 01 iniciará o jogo, colocará a mão dentro da caixa para retirar um animal, opcionalmente escolhe uma classe. Assim, sucessivamente, sendo um de cada vez até terminar a rodada.

Os alunos poderão fazer o acompanhamento com o preenchimento de ficha, com o nome do jogador, nome do animal e classificação. No resultado as anotações serão analisadas e quem acertar corretamente a classe do animal será o vencedor.

Trilha Ecológica



Fonte: professora Fabiana Maria da Silva, 2021.

Jogo: Dados ou fichas

Regras: Decide-se quem vai começar o jogo. O primeiro jogador lança o dado. O número de casas indicado na face do dado tem início a partida, contando da primeira casa do jogo. Quando o jogador parar em uma casa, de acordo com o número indicado pelo dado, aguardará a próxima jogada. Caso pare em uma casa que contenha algum comando, o jogador deverá fazer o que está escrito. Quando o jogador obtiver mais pontos que o necessário, além do fim da trilha, será o vencedor.

O material do jogo foi a confecção de um banner e um dado.



Fonte: Fabiana Maria da Silva, 2021.

Regras: Os alunos deverão esperar sua vez de jogar o dado e obedecer ao distanciamento de cada participante. O objetivo do jogo é estimular aprendizagens através das imagens das serras, solicitando aos alunos(as) observação e a transcrição de nomes das serras.

Materiais necessários: caixa de papelão, papel sulfite, fita durex, imagens impressas das serras.



Jogo da memória

Regras: as peças são embaralhadas, cada participante deve esperar sua vez para virar as peças do jogo da memória. O participante pode virar apenas duas peças e deixar que todos vejam as peças com as fotos das serras. Caso não encontre a peça igual deve colocar de volta e passa para o próximo participante jogar.

Materiais utilizados: cartaz, caixa de papelão enfeitada, fotos impressas, papel de isopor.



Fonte: Claudileide Nascimento e Crisleide Cristina de Oliveira, 2021.

Tema: O bioma e a diversidade: relação com a natureza e a religiosidade

Jogo de Tabuleiro Dama: Praiá Pankararu e não indígenas;

Habilidade: Exercitar o pensamento lógico, o poder de atenção e concentração, imaginação, criatividade, julgamento, planejamento, antecipação, paciência autocontrole.

Objetivo: refletir sobre a luta dos povos indígenas, especificamente pela garantia de direitos constitucionais, preservação do Ambiente e no fortalecimento da cultura Pankararu.

Regras: O jogo de tabuleiro Dama é jogado com 02 participantes. O tabuleiro deve ser quadrado e conter 64 casas, alternadas em cores diferentes.

O jogo Praiá Pankararu e não indígenas foi disponibilizado 12 peças, representantes dos Praiás (protetores Encantados Pankararu) e 12 peças, representando não indígenas, inimigos dos indígenas (governo e posseiros). O objetivo é atingido quando capturar ou imobilizar as peças do adversário. o jogador que conseguir capturar todas a peças do adversário ganhar a partida.



Fonte: Claudileide Maria do Nascimento e Jose Arnaldo de oliveira, 2021.

História Ilustrada: Mitologia Pankararu

Cursistas participantes: Janaina Bezerra da Silva, Maria Solange da Silva, Maria Rejane dos Santos, Maria Regina dos Santos e Roberta Francisca da Silva Arnaldo.

Colaboradores: Olivia Antônia, Ronaldo José e Juliana Silva (Editora).

Ilustração: Emily Franciely, Gabriel, Ianire Urbano e Alisson. Ywry (Zé) e I.B.S.

Poesia: Janaina Bezerra da Silva

MITOLOGIA PANKARARU

Janaina Bezerra da Silva

As narrativas de vida e resistência Pankararu como elementos de sustentação física e espiritual têm as nossas serras e fontes a moradia dos nossos protetores (encantados). São os Encantados que nos guiam e protegem toda a nossa Nação. Em nossas Serras existe vários segredos que se faz necessário ser preservados, para manutenção e garantia de resistência das futuras gerações. A mitologia do povo Pankararu relacionado as nossas serras traz fortemente resistências na força do sagrado, são histórias vivas que nos fortalece espiritualmente, na força dívida e na natureza, numa ligação com o material e imaterial.

Ser Pankararu é fazer parte de uma constante luta pela garantia da continuidade da nossa existência cultural do nosso povo.

E um desses desafios é manter viva a história e cultura, cuidando de todo o território, não abrindo espaço à exploração, por entender que nas serras lá estão toda a força e proteção que mantem viva a nossa tradição cultural.

Hoje temos uma educação escolar indígena específica e diferenciada a qual as escolas pankararu vem ressignificando seu papel dentro dos valores e princípios do povo. Trazendo como conteúdo os ensinamentos dos mais velhos, a historicidade das serras, as narrativas do povo e o cotidiano Pankararu.

Apresento uma pequena demonstração de como os trabalhos de nossa educação indígena são desenvolvidos e realizados juntamente aos professores, alunos e coordenação pedagógica em parceria como o programa ação saberes indígena na escola que veio a proporcionar realização de pesquisas de campo. Levando a construção de material didáticos específico do povo, como jogos, trilhas, poemas desenhos...

Mitologia Pankararu



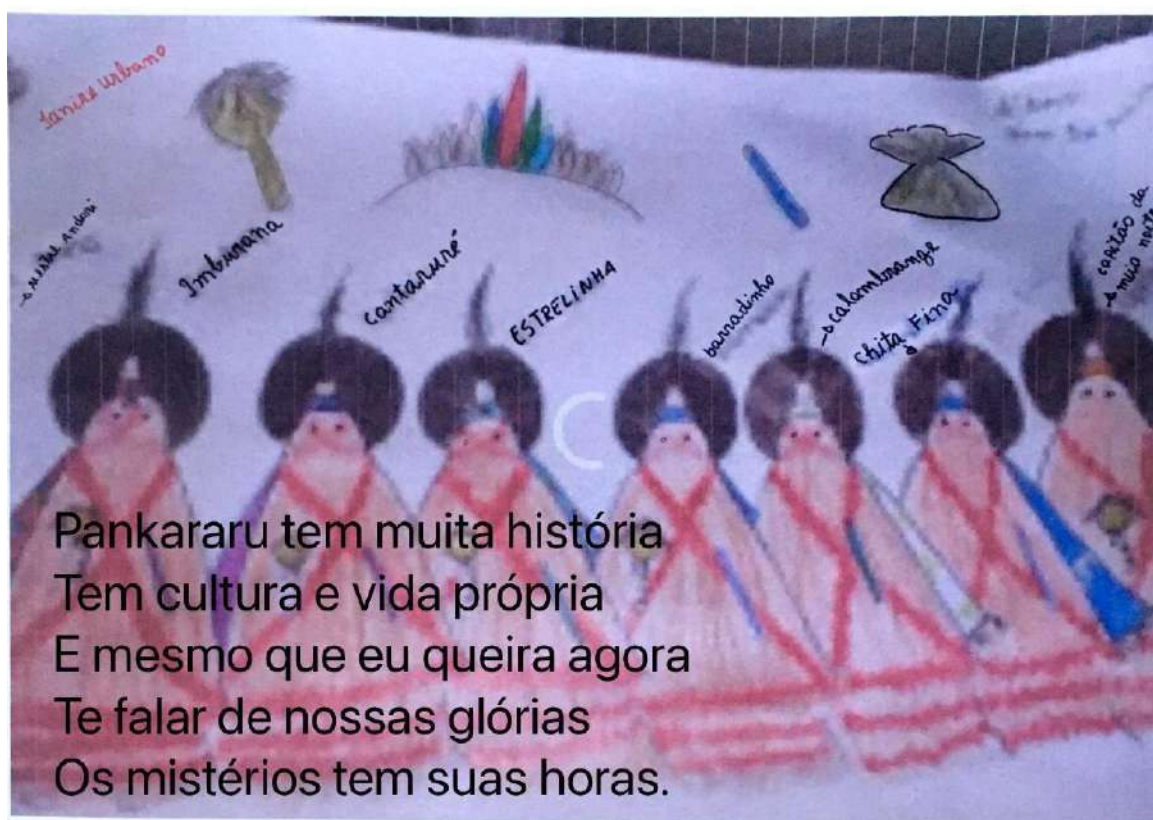


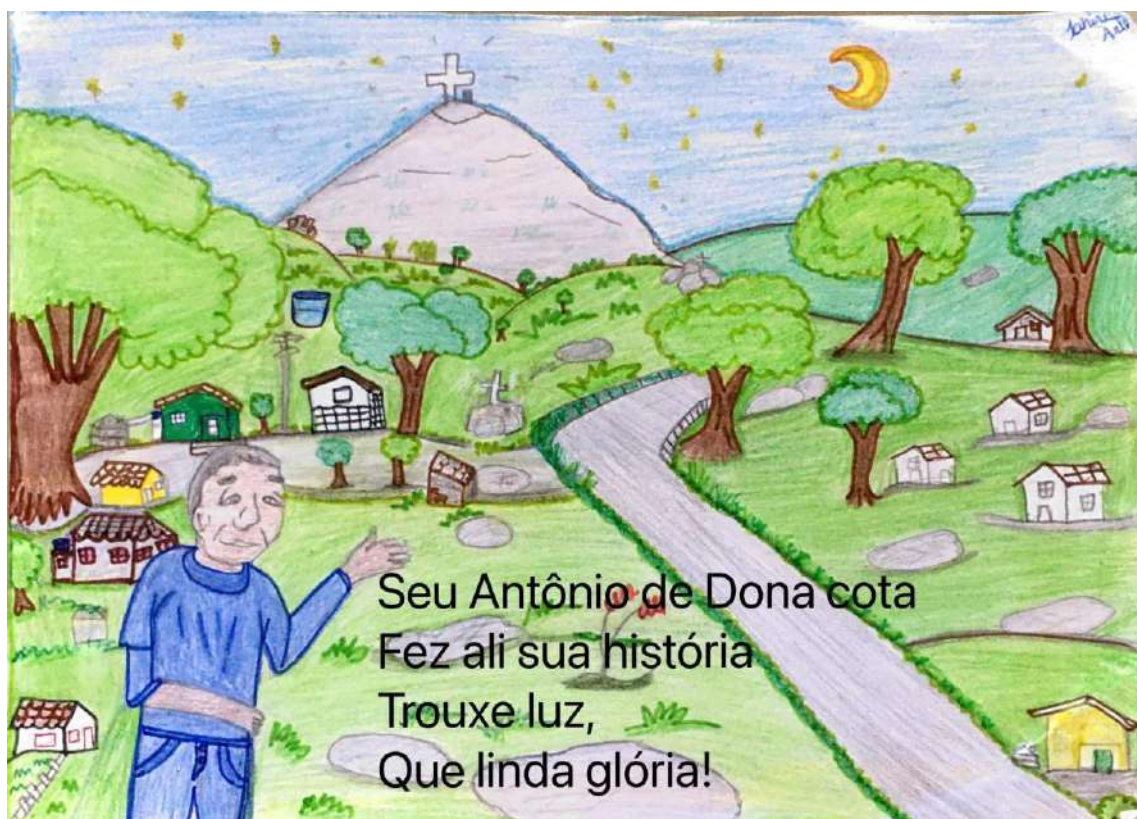
E lá também é encontrada
A rainha e mãe d'água
De beleza cobiçada
Uns conhece por lara ou seria das águas.

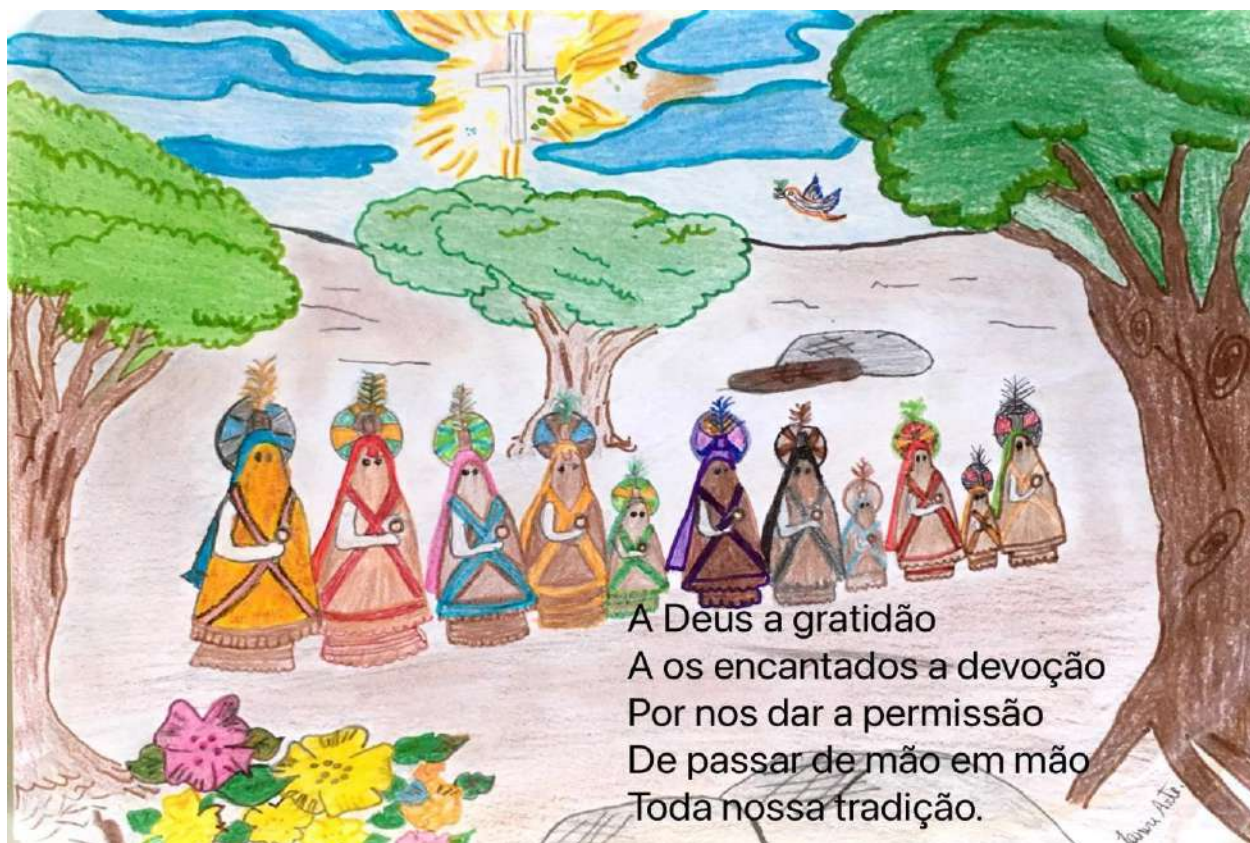








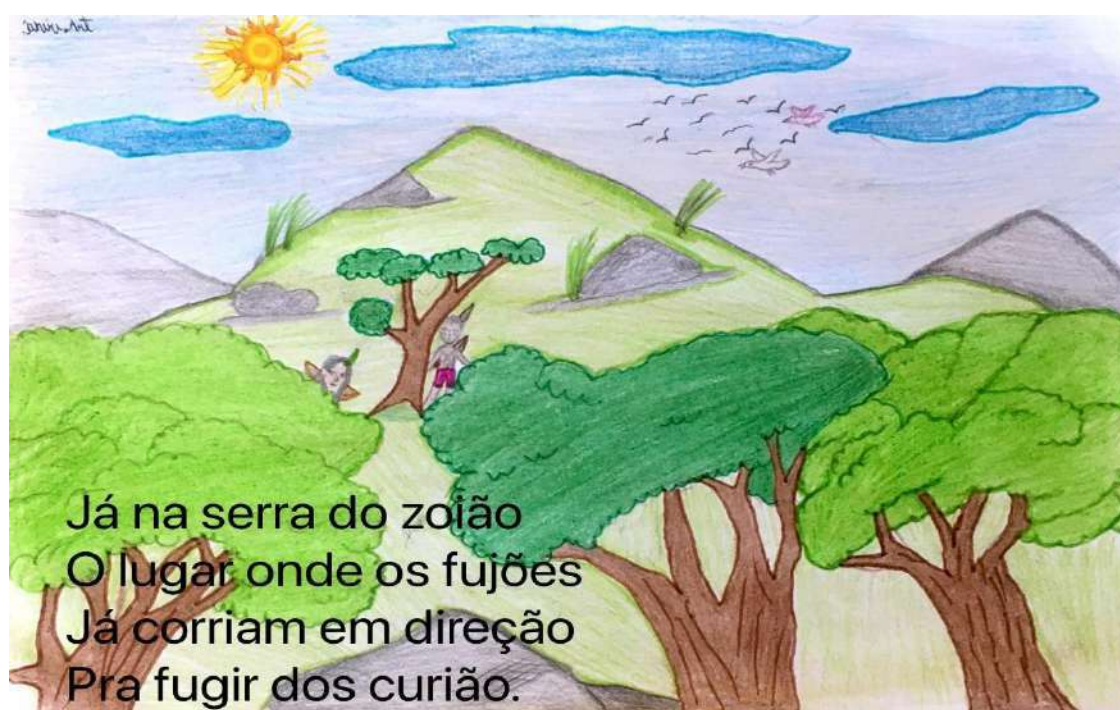




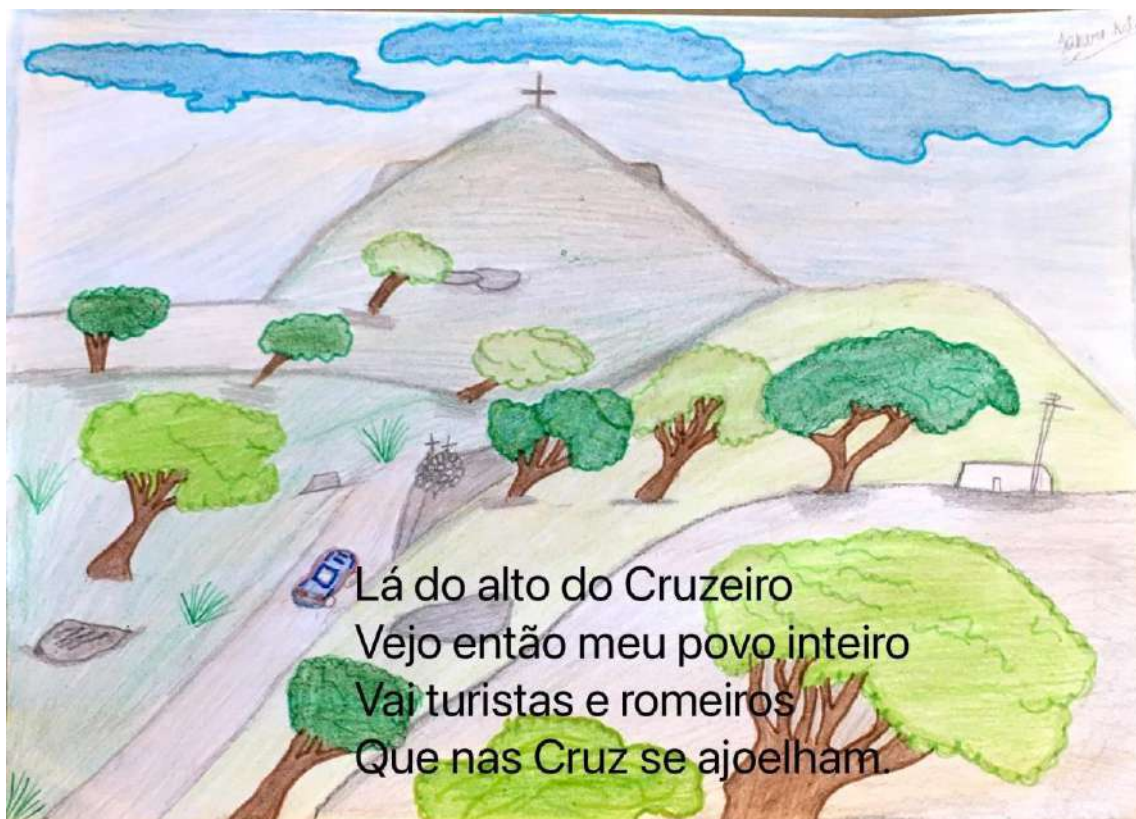
A Deus a gratidão
A os encantados a devoção
Por nos dar a permissão
De passar de mão em mão
Toda nossa tradição.



Tem água doce feito mel
Pedacinho lá do céu
Preservar e ser fiel
É cumprir nosso papel.

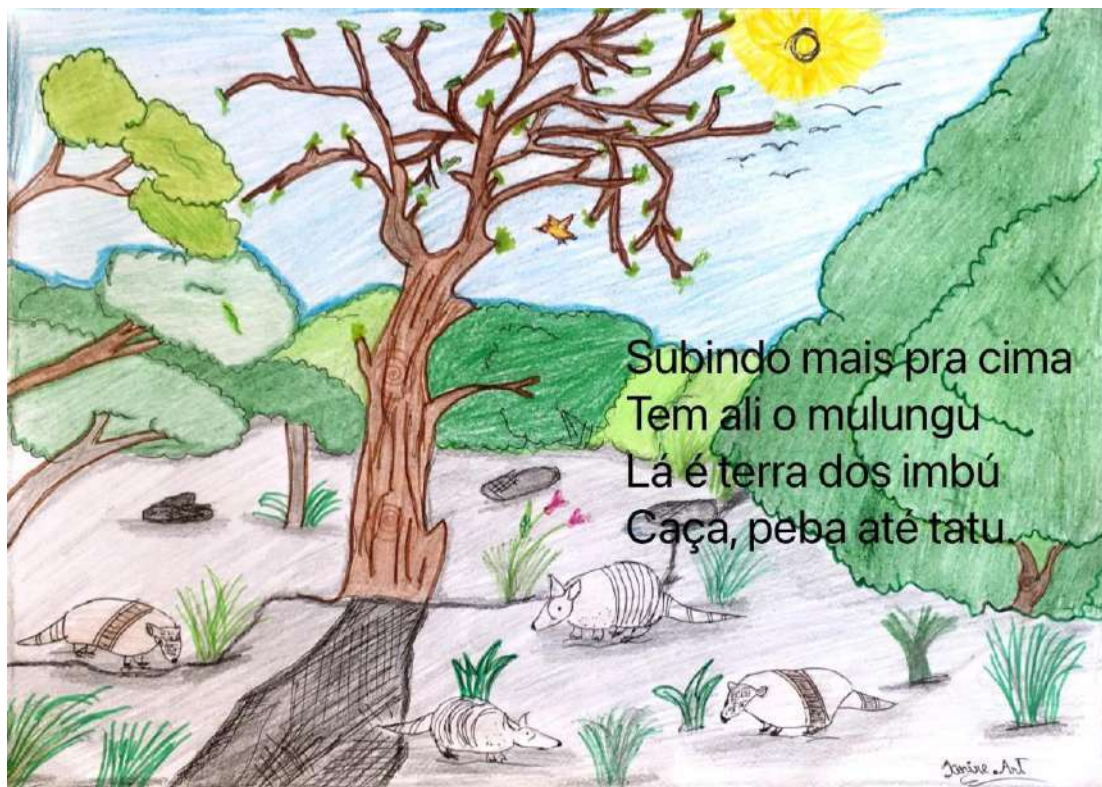












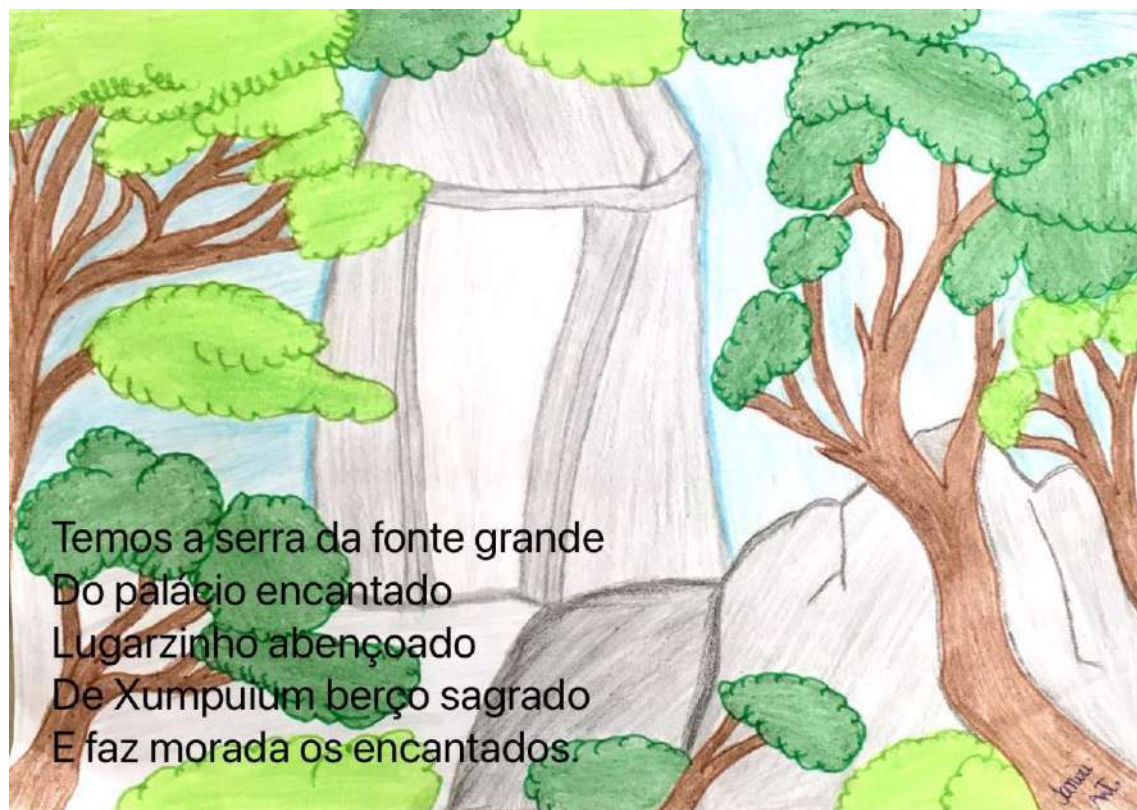
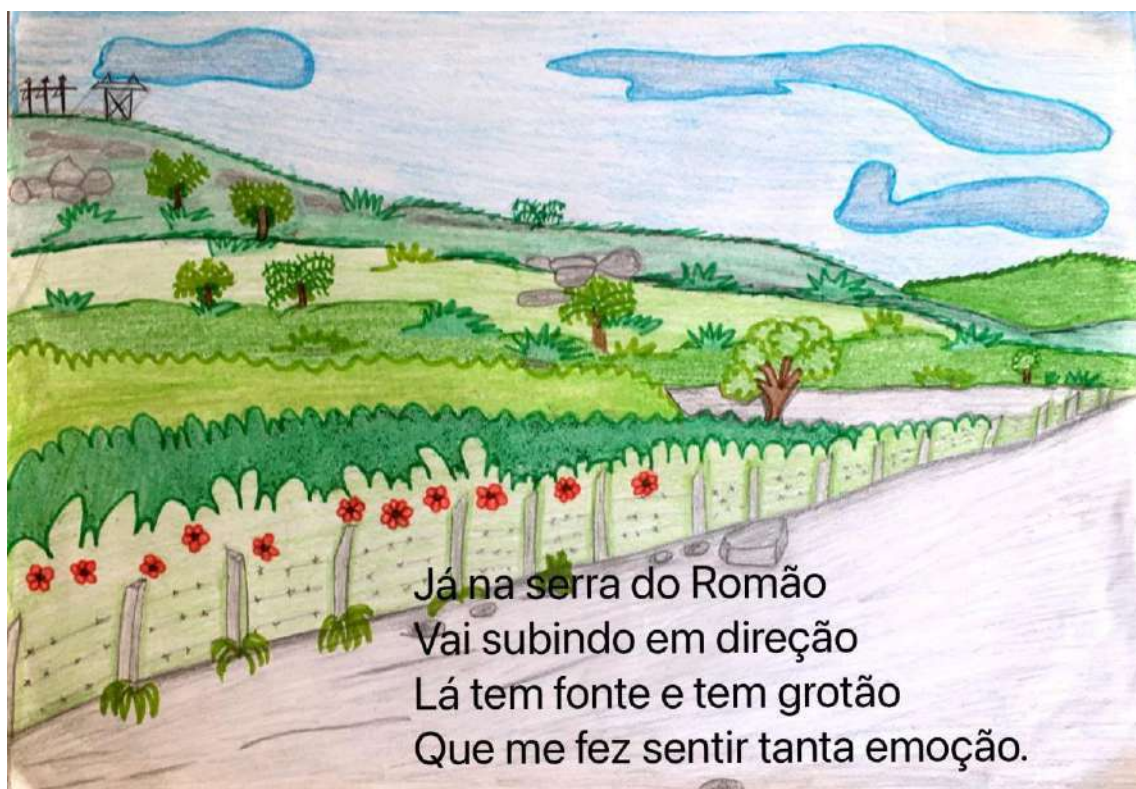




Lá também tem uma cachoeira
Lá tem caças de primeira
Lugar lindo de riqueza
Tem as plantas curadeiras
Aroeira, Quixabeira e também tem Catingueira.

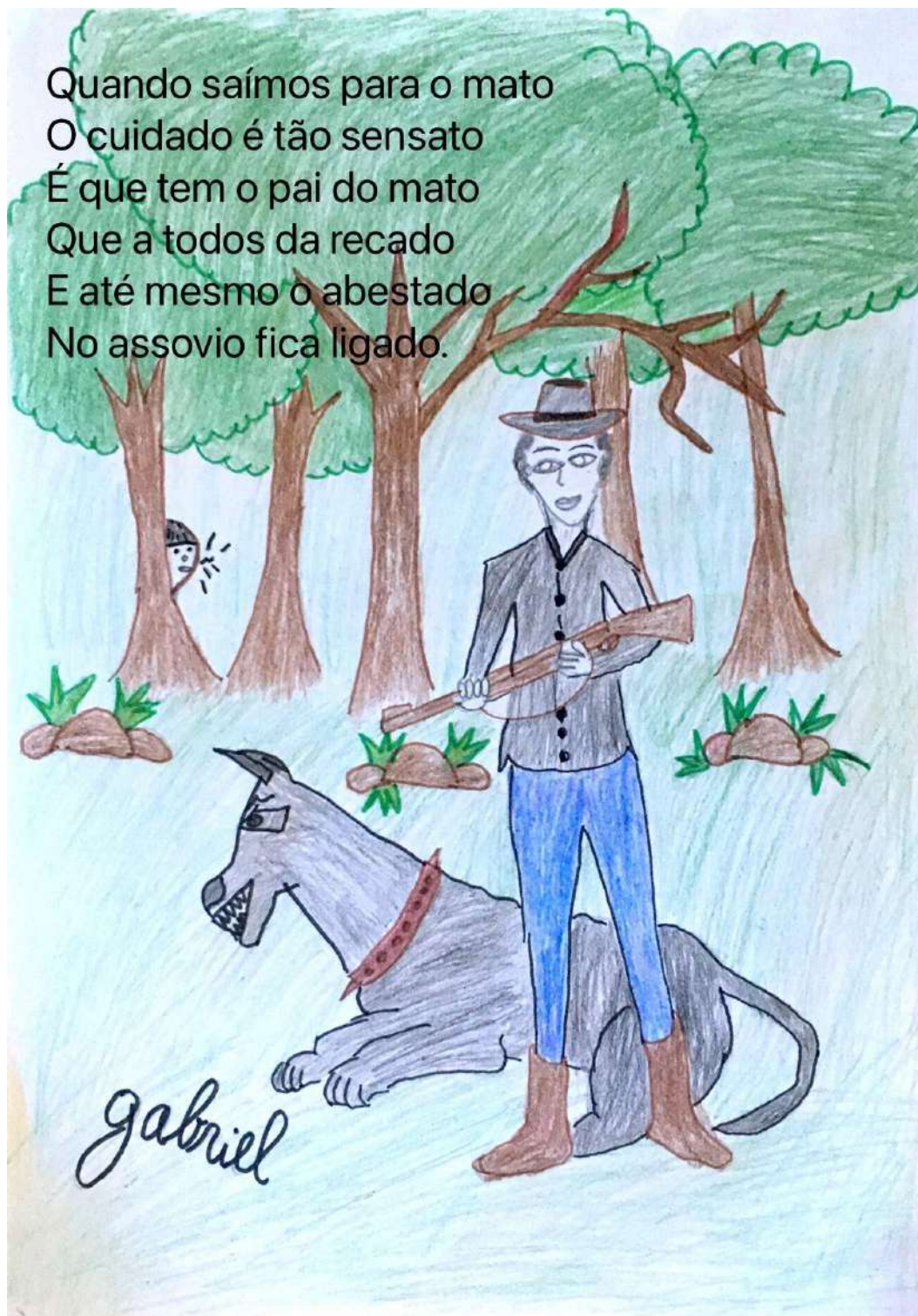


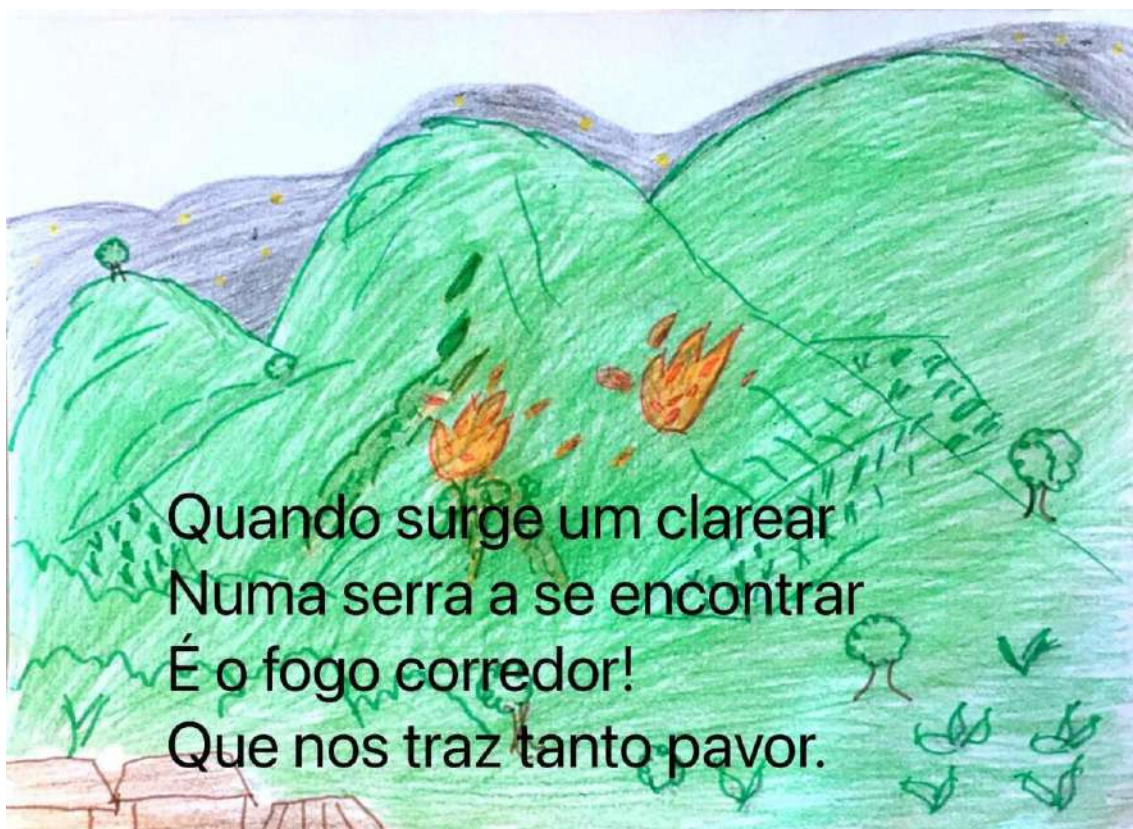
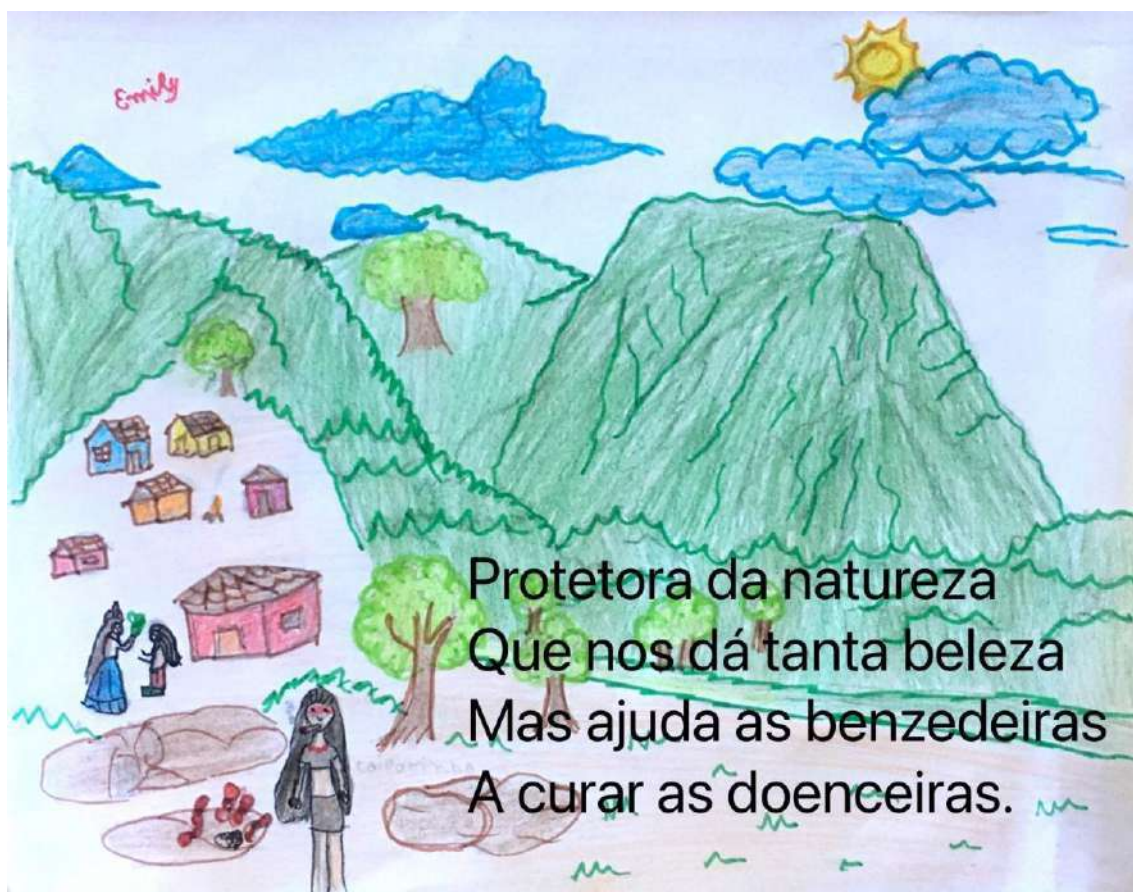
Na serra da cachoeira
Tem até a cajazeira
Venha ver que a natureza
Fez brotar tanta beleza.



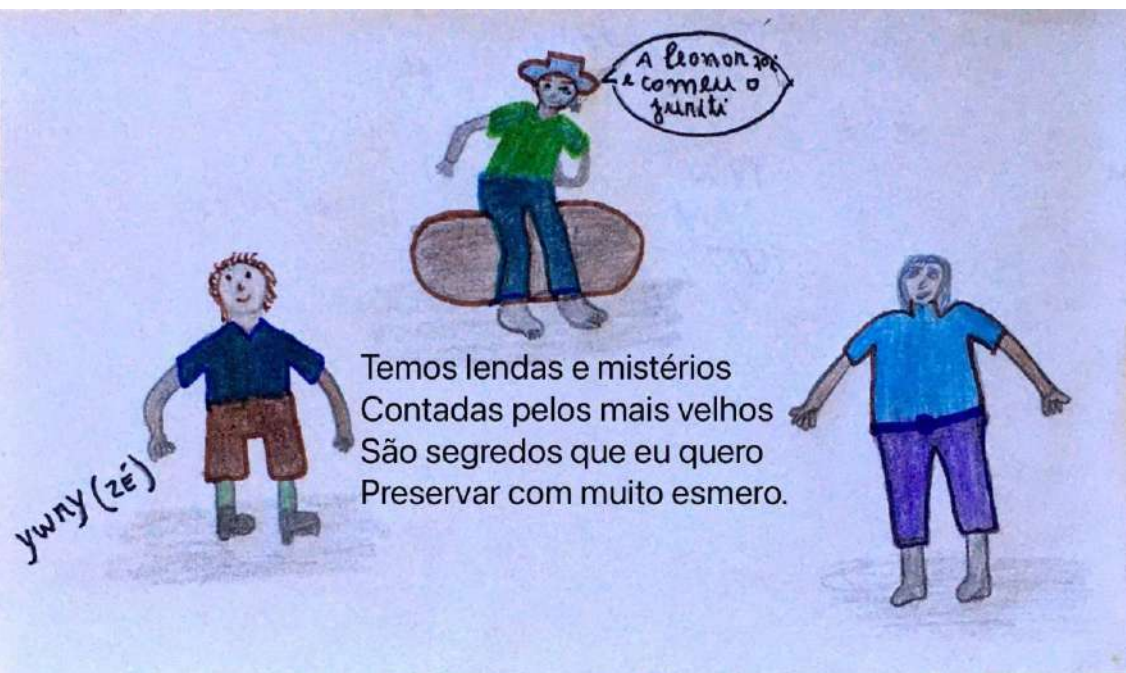


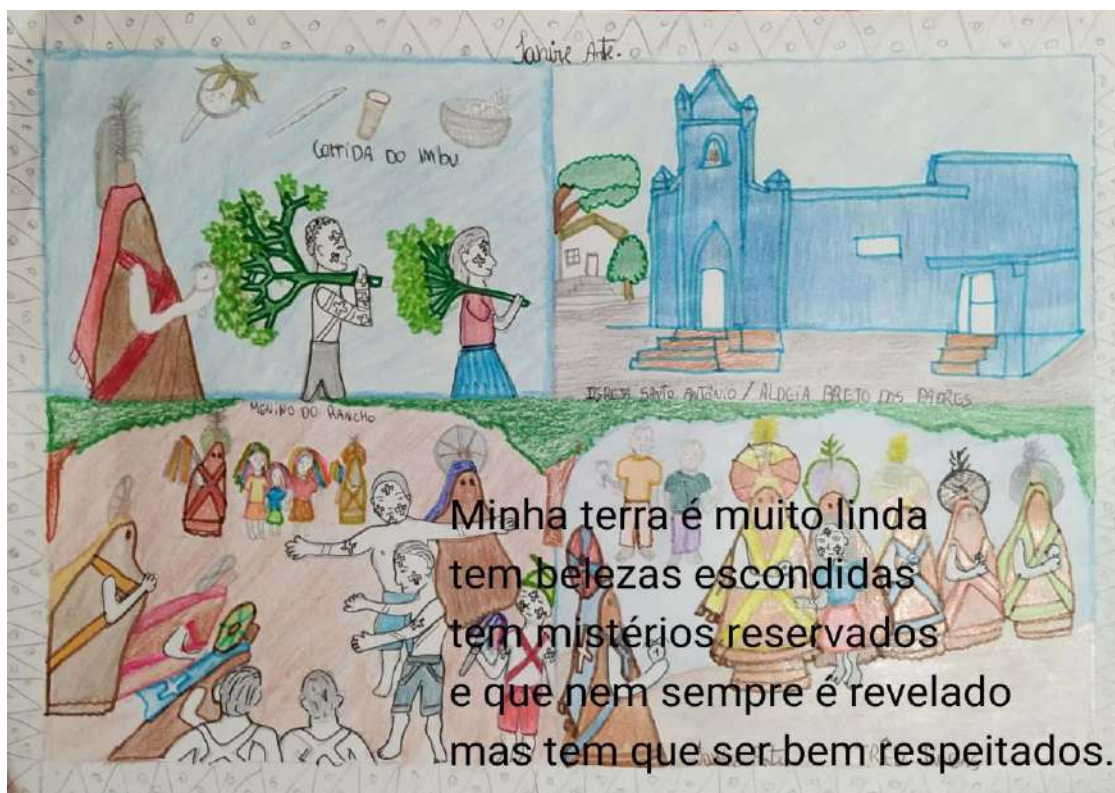
Quando saímos para o mato
O cuidado é tão sensato
É que tem o pai do mato
Que a todos da recado
E até mesmo o abestado
No assovio fica ligado.

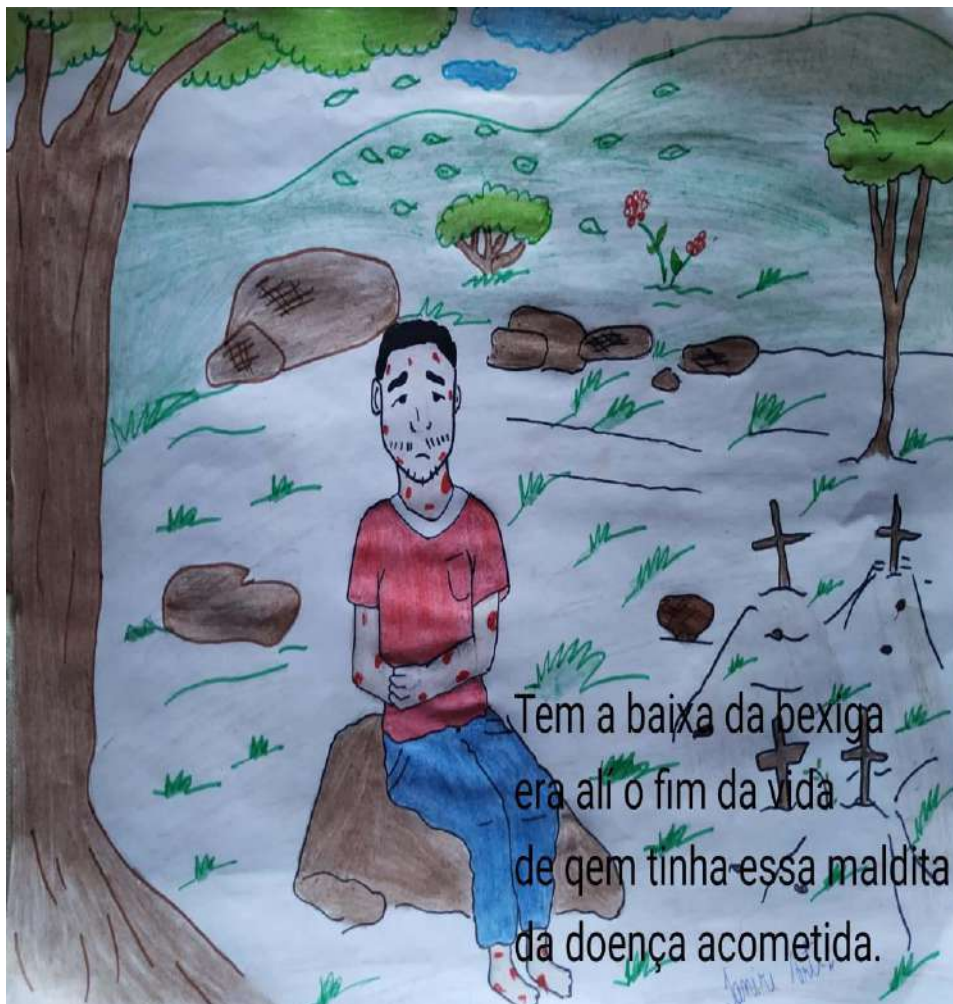




Não adianta gureja
Pois aquele que é de lá
Sente na alma o chiar do maracá
E o som do toré a entoar.







SUGESTÕES DE ATIVIDADES

ESCOLA:

NOME:

DATA:

Língua portuguesa

1. Leia um trecho da poesia mitologia Pankararu

Temos uma linda menininha
É a nossa caiporinha
Ela é uma danadinha
Gosta muito das balinhas
E de dar uma fumadinha

2. De qual poesia foi retirada o trecho do texto acima?

() Serras de Pankararu () Mitologia Pankararu

3. Quem é a menininha citada no texto?

() Mãe d'gua () Caiporinha () Benzedeira

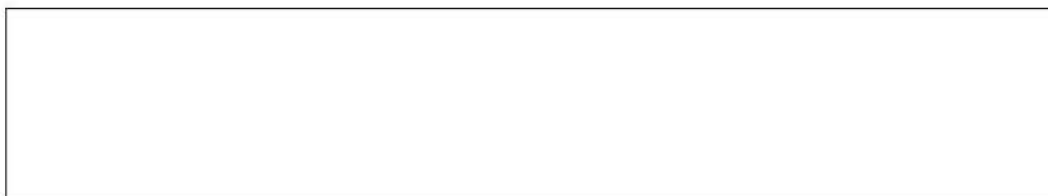
4. Segundo o texto a caiporinha é:

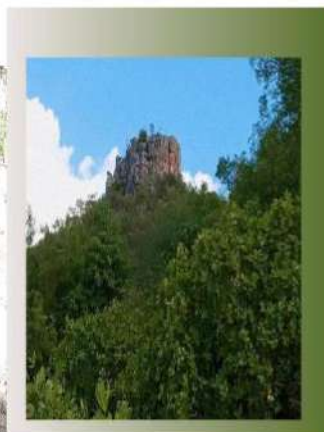
() Linda e danadinha () Linda e preguiçosa

5. De que ela gosta?

() chocolate () Bolinho () Balinha
() Fumadinha () Pãozinho () Bebidinha

6. Faça uma ilustração do trecho da poesia acima.





De olho no poema

1) O poema fala de:

() Paiás () Artesanatos () Das serras Pankararus

2) O texto diz que o Palácio encantado fica na:

() Serra do Zoião () Serrote da missão () Serra fonte grande

3) Quais os nomes de plantas citadas no texto?

--	--	--

4) Esse texto é:

(A) Um anuncio

(C) Um conto

(B) Um acróstico

(D) Um poema

ESCOLA:

ALUNO:

DATA:...../...../.....

ATIVIDADE DE HISTÓRIA

Leia a estrofe do poema mitologia Pankararu e responda as questões abaixo:



**Temos lendas e mistérios
Contados pelos mais velhos
São sagrados que eu quero
Preservar com muito esmero.**

1. A estrofe acima se refere a que histórias do povo Pankararu?

.....

2. Segundo a estrofe quem são os transmissores dessas histórias?

.....

3. Você conhece alguma história de mistério do nosso povo? Qual.

.....

4. A quem compete preservar e repassar esses mistérios da nossa aldeia?

.....

5. Leia com atenção a estrofe abaixo:



Sem falar da Leonor

Que na gruta se encantou

Por comer sem ter pudor

Da juriti que preparou

E em um bicho a transformou

E toda tribo se espantou

A) Qual o nome da moça citada na estrofe?

.....

B) Aonde Leonor se encantou?.....

C) Qual o nome da caça que Leonor
comeu?.....

D) No que ela se transformou?.....

E) Ilustre a serra que recebe o nome da Leonor.

ESCOLA:

DATA:/...../.....

NOME:

.....

UTILIDADES DA PLANTA LICURIZEIRO

O licurizeiro tem muitas utilidades. Dentre elas, são os frutos que serve de alimento na produção do beiju, farofa, colar com licuri e licuri cozido.

Algumas partes da planta servem de matéria-prima para confecção de bolsas de palhas, abano, tapetes, chapéus etc.

ATIVIDADES

1. Escreva o nome dos artesanatos feito com a palha do licurizeiro.









2. Responda:

A) Para que serve o fruto do licurizeiro?

B) Faça uma lista de coisas feita a partir da palha do licurizeiro.

_____, _____, _____, _____,

_____, _____ e _____

ESCOLA:

ALUNO:

DATA:...../...../.....

Atividade de história

1. Complete as frases com as palavras do quadro.

JITÓ - DOMINGO – SABADO –
MAIS VELHOS – TERREIRO DA FONTE GRANDE -
MOÇO DO FORGUEDO

A) O terreiro de Luiz Caboclo fica localizado na aldeia

B) Nossa festa da corrida do imbu acontece no..... e os passos

No.....

.C) nossos costumes e tradições foram deixados pelos nossos?.....

.....

D) O terreiro mais próximo à porta do palácio encantado.

.....

E) como é chamado os homens que dançam nos

forguedos?.....

2.Na foto abaixo vimos a figura de um dos primeiros cantadores de terreiro.



A) Você conhece mais alguns dos nossos parentes que cantam nos terreiros sagrados. Cite o nome.

.....

B) Você gostaria de ser um cantador de terreiro também?

ESCOLA: ALUNO: DATA:/...../.....

Atividade de Matemática

Problematizando

1- Em um determinado terreiro estão dançando 189 forquedados , chegaram mais 176, juntos quantos ficaram ao todo no terreiro?

2. Para dançar três rodas são necessários 6 carneiros, 30 kg de arroz e 40 kg de farinha. Só tenho 2 carneiros, 7 kg de arroz e 14 kg de farinha, quanto falta de cada produto?

3. “Um zelador de forquedo” tem 58 maracás mais ainda precisará de mais 73, quantos ele precisará ao todo?

4. Na aldeia temos 16 benzedeiras, mas o ideal seria umas 50, quantas faltam para obter esse total?

5. Na festa do menino do rancho dançaram 112 forquedados no sábado à noite e 165 no domingo, quantos forquedados dançaram no total?

